

OLIMPO



137 . JANEIRO - MARÇO 2014



RUMO A SOCHII 2014

*Jogos Olímpicos de
inverno*



//104º Aniversário COP
A festa do Olimpismo

//Entrevistas
João Neto e João Rodrigues

REN 

Redes Energéticas Nacionais



OS GRANDES DESAFIOS CONTAM COM O APOIO DE UMA GRANDE **REDE**

Patrocinadora Oficial do Comité Olímpico de Portugal, a REN apoia os atletas que representam o País com orgulho e distinção.



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL

04//instantes
Rui Costa

05//editorial
o dilema da
competitividade

06//flashes
notícias

09//opinião
Calos Coutinho

//em foco **10**
104º
Aniversário
COP



14//pódio
Sochi 2014

18//opinião
Jenny Candeias

19//federações
hóquei

//zona
mista **20**
entrevista
a João Neto



23//perfil
Vasco Lynce

24//academia
entrevista a Luís Gomes
da Costa

25//coi
plataforma Hub Atletas

//bastidores
João
Rodrigues

26



28//olimpismo
semana olímpica e congresso
nacional olímpico

30//museu olímpico
Paris 1900

32//opinião
Pedro Mil Homens

//fora de campo
entrevista
a Pedro
Fernandes

33



35//agenda
Pedro Mil Homens

OLIMPO

Propriedade e Edição

Comité Olímpico de Portugal
Travessa da Memória, 36
1300-403 Lisboa
Tel.: 21 361 72 60
Fax: 21 363 69 67

Diretor

José Manuel Constantino

Diretor Executivo

João Malha

Fotos

Shoot Happens, COI, COP, Lusa,
Carlos Alberto Matos, Sochi 2014,
ACNO, FP Hóquei, Guimarães 2013

Projeto Gráfico e

Paginação

Verse.pt

Impressão

Soartes- Artes Gráficas, Lda.

Tiragem

1.000 exemplares

Periodicidade

Trimestral

Numero de Registo ICS

102203

Depósito Legal

9083/95

Distribuição gratuita



Rui Costa fez história em Florença (Itália), no final de setembro, ao sagrar-se campeão do mundo de ciclismo de estrada. Numa chegada emocionante, o atleta olímpico nacional levou a melhor sobre o espanhol Joaquin Rodriguez, batendo-o sobre a meta, ao sprint, quando ambos chegaram à reta final isolados, assegurando o mais importante título da história do ciclismo nacional.



O DILEMA DA COMPETITIVIDADE

do modelo desportivo nacional

Diante de um cenário de instabilidade torna-se prática generalizada no país equacionar-se e debater-se o seu modelo de desenvolvimento, crescimento e competitividade, nos mais variados setores de atividade. Em tese, é bom e natural que assim aconteça, nomeadamente no âmbito do desporto onde carece uma ampla e profunda discussão em relação ao seu futuro.

Porém, tendem também a ser estes os momentos onde o confronto de ideias mais se expõe à precipitação em análises imediatistas, frequentemente parcelares e distorcidas.

Espera-se que as instituições contrariem tal tendência e se afigurem como uma referência na pluralidade e profundidade do diálogo, através do contributo para a clarificação de posições, mediação de perspetivas e estímulo à diversidade de opiniões, no firme propósito de informar e valorizar o processo de tomada de decisão.

O Comité Olímpico de Portugal, não pode, pois, perante os fortes condicionalismos que se colocam à sustentabilidade do modelo de financiamento desportivo português, eximir-se de procurar clarificar, com rigor e sentido crítico, um conjunto de preconceitos que dão forma ao dilema onde gravita este tema estruturante das políticas desportivas públicas, federativas e associativas.

A começar por um fechamento e redutora simplificação deste problema em torno de critérios de eficácia e eficiência, olvidando princípios de universalidade, igualdade, coesão, coordenação e ética vertidos nas bases do ordenamento jurídico do desporto.

Vários são os tropismos que tendem a distorcer uma análise que se pretende integrada e global. Seja quando se procura destacar uma dimensão do modelo de financiamento ou uma etapa do percurso de desenvolvimento desportivo desligada das demais. Seja quando se almeja uniformizar à aritmética de uma qualquer fórmula matemática realidades de modalidades com escala, especificidades e modelos organizacionais e competitivos tão díspares, na ilusão que tal contribua para corrigir assimetrias de competitividade e valore a eficácia e a eficiência na justa repartição de recursos escassos.

A complexidade dos bloqueios de competitividade no modelo

de desenvolvimento desportivo português não se esgota em torno de uma única ordem de fatores. Ela será sempre pluridimensional. Neste sentido, a proliferação de indicadores de medida e padronização de procedimentos administrativos que tende, naturalmente, a acentuar-se sobre as organizações desportivas num contexto de austeridade para justificar, de forma supostamente objetivável, os resultados alcançados com os meios disponíveis, transfere o foco do problema exclusivamente para o domínio da gestão.

Ora, sem prejuízo de se reconhecerem melhores e piores práticas de governação que, com certeza, influenciam o valor desportivo gerado a partir dos recursos existentes, os desafios que o sistema desportivo enfrenta no quadro de um modelo competitivo internacional, cada vez mais exigente e consumidor de recursos, situam-se a montante, e para além, dos processos de gestão.

Por outro lado, a análise da qualidade da despesa e do financiamento ao desporto, que a todos se exige na conjuntura atual, não pode, em contraponto, deixar de ter em consideração a despesa em bens e serviços que crescentemente onera as organizações desportivas, sob pena de enviesar o objeto de estudo. Para sair deste dilema, e no contexto que o país hoje atravessa, não se duvida da necessidade de tomar decisões, fazer escolhas e opções ponderadas. Para isso torna-se fundamental equacionar o potencial de desenvolvimento e competitividade de um modelo cuja sustentabilidade assenta predominantemente no financiamento público, estadual ou municipal, no qual o apoio privado, proveniente do consumo de famílias em bens e serviços desportivos ou do tecido empresarial sob a forma de patrocínio ou mecenato, se afigura residual.

O COP, ciente das suas responsabilidades e compromissos, pretende fazer parte da solução, debatendo e analisando o problema de forma plural e alargada a todos os interessados. É neste propósito que organizará no primeiro trimestre de 2014 o Congresso Nacional Olímpico no qual conta com o contributo de todos vós. ◦

José Manuel Constantino

Presidente do Comité Olímpico de Portugal

NOTÍCIAS

JOÃO SOUSA VENCE TORNEIO ATP WORLD TOUR EM KUALA LUMPUR

João Sousa tornou-se o primeiro tenista português a conquistar um troféu do circuito ATP, ao vencer o torneio de Kuala Lumpur, batendo na final o francês Julien Benneteau, quinto cabeça de série. Num excelente percurso na prova, João Sousa eliminou, entre outros, o espanhol David Ferrer, primeiro cabeça de série e então número quatro do Mundo, e o austríaco Jurgen Melzer, quarto pré-designado. Com esta vitória histórica, João Sousa subiu aos 50 primeiros lugares do ranking ATP, a mais alta classificação no ranking de um tenista português.



NOVA DIREÇÃO DA CAO TOMOU POSSE

O ex-judoca e atual técnico nacional João Neto é o novo presidente da Comissão de Atletas Olímpicos (ver entrevista principal deste número da revista), sucedendo a Nuno Barreto no cargo. O esgrimista Joaquim Videira é o novo vice-presidente, enquanto o remador Pedro Fraga assumiu o cargo de Secretário-Geral. Fazem ainda parte da nova direção a marchadora Susana Feitor, a judoca Yahima Ramirez, a velejadora Mariana Lobato, o cavaleiro Gonçalo Carvalho, a canoísta Beatriz Gomes e a ex-velejadora Joana Pratas. A cerimónia de tomada de posse teve lugar no passado dia 9 de outubro, na sede do Comité Olímpico de Portugal



VI GALA DO HÓQUEI

A Federação Portuguesa de Hóquei realizou a VI Gala do Hóquei. Foram apresentados os projetos "Joga Bonito Hóquei" e o "FPH Youth Panel", bem como foi anunciado pela Presidente Joana Gonçalves que Portugal voltará acolher uma ronda 1 da Liga Mundial já no próximo ano de 2014. Os momentos altos foram o anúncio dos galardoados nas categorias "Treinador", "Jogadora" e "Jogador do Ano". Venceram Rui Graça, Mónica Pereira e João Santos, respetivamente.

LUCIANA DINIZ ENTRE OS MELHORES

A cavaleira luso-brasileira Luciana Diniz encontra-se na 4ª posição do Longíniss FEI Ranking. Relembre-se que no passado mês de agosto, Luciana encontrava-se na 11ª posição, subindo assim 7 lugares, fruto das várias vitórias e classificações conseguidas nos últimos meses. Esta é a primeira vez que um cavaleiro português ocupa esta posição no ranking mundial, sendo que o primeiro lugar é ocupado pelo britânico Ben Maher.

PORTUGAL CARIMBOU PASSAPORTE PARA O BRASIL 2014

A Seleção Nacional A de Futebol assegurou, na Suécia, o apuramento para o Campeonato do Mundo FIFA 2014, que terá lugar no Brasil, a partir do próximo mês de junho. A formação das quinas garantiu a classificação para o Mundial graças à vitória por 2-3 em Solna, Estocolmo, num playoff de grandes emoções. Cristiano Ronaldo foi o grande protagonista da eliminatória, com três golos no jogo decisivo, a somar ao golo da vitória na primeira mão, em casa, no Estádio da Luz, que terminou 1-0. Esta é a quarta presença consecutiva de Portugal no Mundial FIFA, depois das presenças nos Campeonatos da Coreia/Japão em 2002, Alemanha 2006 e África do Sul 2010. Na sua história, Portugal somou ainda mais duas presenças, em 1966 na Inglaterra e em 1986 no México.



BRONZE A DOBRAR NO CAMPEONATO DA EUROPA

Fu Yu, em singulares femininos, e a dupla João Monteiro/Tiago Apolónia, em pares masculinos, conquistaram medalhas de bronze no Campeonato da Europa de Ténis de Mesa, disputado em Schwechat, na Áustria. Com este duplo bronze, sobe para cinco o número de medalhas conquistadas por Portugal em Europeus da modalidade. Até à competição de Schwechat, Portugal tinha três medalhas em Campeonatos da Europa de seniores: Ouro em Pares para Marcos Freitas em Gdansk 2011, Bronze para a Equipa em Gdansk 2011 e Bronze em Pares para Tiago Apolónia e Marcos Freitas em São Petersburgo 2008. Nota para o facto de Fu Yu ter sido a primeira atleta do sector feminino a obter uma medalha em Europeus e a primeira a conquistar um troféu na prova de Singulares.

RIO 2016 COM MAIOR TRANSMISSÃO DE SEMPRE EM PORTUGAL

A RTP e a SPORT TV irão garantir a maior transmissão de sempre de uns Jogos Olímpicos em Portugal. O canal público adquiriu, mais uma vez, os direitos de transmissão do evento, em canal aberto, assegurando a cobertura de 200 horas dos Jogos, para além das cerimónias de abertura e encerramento. A novidade maior prende-se com a aquisição dos direitos de Pay TV por parte do canal de desporto, SPORT TV, que irá transmitir a totalidade dos Jogos Olímpicos nos seus canais. Adicionalmente, a SPORT TV adquiriu os direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos de inverno Sochi 2014, que poderão ser vistos na sua antena, já no próximo mês de fevereiro.

TELMA SANTOS VENCE TORNEIOS INTERNACIONAIS

A olímpica Telma Santos começou da melhor forma a sua temporada internacional somando duas vitórias em outras tantas participações. A badmintonista portuguesa venceu o Open Internacional de Marrocos, três semanas após a vitória em Israel. Telma Santos venceu o Open Internacional de Marrocos em badminton, ao derrotar na final a holandesa Gayle Mahulette, por 21-12 e 21-10, em Casablanca. Em Israel, Telma tinha levado a melhor na final sobre a russa Olga Golovanova, por 21-18, 15-21 e 21-15. Com estas duas vitórias, a atleta nacional já subiu mais de 150 lugares no ranking mundial, encontrando-se entre as 200 melhores do mundo neste momento.



DIOGO GANCHINHO BRILHA EM SÓFIA

Diogo Ganchinho alcançou um brilhante quinto lugar no Campeonato do Mundo de Trampolins, disputado em Sófia, capital da Bulgária. Este foi o melhor resultado de sempre da ginástica nacional nesta prova. O ginasta realizou uma série exemplar na final de trampolim individual, conseguindo a 5ª posição da tabela com 58,300 pontos. A olímpica Ana Rente alcançou a semifinal de Trampolim Individual Feminino, não tendo conseguido o tão ambicionado lugar entre as oito melhores e falhando assim o acesso à final desta categoria. Ana Rente terminou a prova com 50,625, classificando-se na 19ª posição da tabela.



TRÉGUA OLÍMPICA APROVADA NA ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

O recém-eleito Presidente do Comité Olímpico Internacional, Thomas Bach, esteve no início de novembro na Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque, e viu aprovado o pedido de Trégua Olímpica. Esta é uma tradição originária do século nono a.C, e que visa garantir proteção e paz a todos os intervenientes dos Jogos Olímpicos de inverno Sochi 2014, previstos para o próximo mês de fevereiro, independentemente da religião, cultura, raça ou orientação sexual. Na sequência da aprovação desta medida, o alemão Thomas Bach lançou ainda o repto aos países participantes de não boicotarem a participação nos Jogos, uma ameaça que surgiu nas últimas semanas devido à lei que discrimina os homossexuais na Rússia. O COI já garantiu que nenhum dos participantes será afetado por esta lei, graças a um compromisso do Presidente russo, Vladimir Putin.

ARTUR LOPES SERÁ O CHEFE DA MISSÃO AOS JOGOS DA LUSOFONIA

O Vice-Presidente do Comité Olímpico de Portugal, Artur Lopes, assumirá interinamente as funções de Chefe de Missão, mas apenas para a representação olímpica nacional aos Jogos da Lusofonia, previstos para o início de 2014, a ter lugar em Goa, na Índia. Esta decisão prende-se com o pedido de demissão apresentado pelo Chefe de Missão nomeado para todas as representações olímpicas do Ciclo 2012/2016, Mário Santos, devido a indisponibilidade pessoal para o exercício dessas funções. Os Jogos da Lusofonia estão previstos para decorrer entre 18 e 29 de janeiro de 2014, naquela que será a terceira edição do evento, após o mesmo ter sido adiado, uma vez que estava previsto ter lugar no passado mês de novembro.



NOTÍCIAS

PATRICK HICKEY REELEITO COMO PRESIDENTE DOS COMITÉS OLÍMPICOS EUROPEUS

A Associação dos Comitês Olímpicos Europeus (EOC) reconduziu Patrick Hickey como Presidente da instituição. O irlandês, que foi o único candidato destas eleições, cumprirá o seu terceiro mandato à frente da EOC.

O processo eleitoral teve lugar no primeiro dia da 42ª Assembleia Geral da EOC, que arrancou com o discurso do presidente do Comité Olímpico Internacional, o alemão Thomas Bach. Para além de Hickey, destaque para a eleição do turco Asan Arat e do britânico Lord Sebastian Coe, entre os doze membros escolhidos para a nova comissão executiva.

O Comité Olímpico de Portugal esteve presente na Assembleia Geral sendo representado pelo Presidente, José Manuel Constantino, e pelo Secretário-Geral, José Manuel Araújo.

NUNO MERINO ELEITO PARA COMISSÃO DE ATLETAS DA FIG

O ex-atleta olímpico Nuno Merino, 6º classificado em Trampolins nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, foi eleito para integrar a Comissão de Atletas da Federação Internacional de Ginástica (FIG), para o período de 2014-2017, cabendo-lhe a missão de representar os atletas dos Trampolins e Tumbling. Nuno Merino junta-se à recém criada direção, composta por elementos das várias provas da modalidade, como a Artística, Rítmica, Aeróbica e Acrobática, que tem como membros Jani Tanskanen (FIN), Elizabeth Tweddle (GBR), Lioubou Charkashina (BLR), Aldrin Rodriguez (MEX) e Ayla Ahmadova (AZE). O presidente será conhecido após a primeira reunião da comissão, agendada para janeiro próximo.

SEIS CIDADES CANDIDATAS AOS JOGOS DE INVERNO 2022

Foram seis as cidades a apresentar candidatura à organização dos Jogos Olímpicos de inverno de 2022, um número recorde de candidaturas para a versão de inverno dos Jogos. Almaty (Cazaquistão), Pequim (China), Cracóvia (Polónia), Lviv (Ucrânia),

Oslo (Noruega) e Estocolmo (Suécia) são as cidades que apresentaram a sua candidatura. A cidade escolhida será conhecida apenas no dia 31 de julho de 2015, na sessão do Comité Olímpico Internacional, que terá lugar em Kuala Lumpur, na Malásia.

REN RENOVA APOIO AO COP

A REN - Redes Energéticas Nacionais e o Comité Olímpico de Portugal (COP) assinaram um contrato de patrocínio, válido até ao final de 2015, que contempla a sponsorização do COP e da Equipa Olímpica Portuguesa, no âmbito do programa de preparação para os próximos Jogos Olímpicos, que se realizam em 2016, na cidade brasileira do Rio de Janeiro. Este protocolo com as assinaturas de Rui Cartaxo, Presidente da REN e de José Manuel Constantino, Presidente do Comité Olímpico de Portugal, foi concluído no Pavilhão Desportivo da Universidade de Lisboa e contou com as presenças da campeã olímpica e vice-presidente do COP, Rosa Mota, do medalhado olímpico Nuno Delgado, bem como dos atletas olímpicos Joaquim Videira e Mário Aníbal, para além da campeã nacional absoluta de golfe, Sofia Mendes Ribeiro.

Para assinalar a formalização desta parceria, cerca de 100 crianças de escolas locais praticaram uma série de modalidades olímpicas e formaram os cinco anéis olímpicos, numa ação de promoção do Olimpismo e dos seus valores junto dos mais jovens. Para Rui Cartaxo, Presidente da REN, "o olimpismo é uma referência pelos valores e ambição que representam para todos os cidadãos e empresas. É com orgulho e entusiasmo que a REN se associa ao COP e apoia a preparação da Equipa Olímpica Portuguesa para os próximos Jogos Olímpicos no Brasil".



JOÃO COSTA FECHA ANO COM CHAVE DE OURO

Numa época inesquecível para João Costa, o atirador nacional quatro vezes olímpico voltou a exhibir-se ao seu melhor nível nas duas últimas competições do ano. Na Taça da Europa de Pistola Standard, disputada em Saint Jean de Marsacq, em França, João Costa foi o mais forte atirador na prova de 25m, conquistando a medalha de ouro. Já na final da Taça do Mundo, que decorreu em Munique, e que reunia os atiradores medalhados de todas as Taças do Mundo da presente temporada, João Costa ficou à beira do pódio na prova de Pistola Livre a 50m, terminando no 4º lugar. A estes resultados ao longo do ano, o atirador português somou mais quatro medalhas nas mais importantes competições internacionais da modalidade.

VICE-CAMPEÕES DO MUNDO EM FOSSO OLÍMPICO

A equipa portuguesa, constituída por João Paulo Azevedo, bicampeão nacional, José Bruno Faria e Ricardo Colaço, sagrou-se vice-campeã do Mundo, na disciplina de Fosso Olímpico, no campeonato do Mundo de Tiro com Armas de Caça, realizado em Lima, no Perú, entre 14 a 25 de setembro. A formação nacional somou 353 pontos, a escassos 4 pontos da equipa espanhola, que venceu por equipas. Individualmente, José Bruno Faria desempatou para entrar na final dos melhores, alcançando o 6º lugar, Ricardo Colaço foi 16º e João Paulo Azevedo o 23º, de entre os 85 participantes masculinos dos 37 países presentes.

TURISMO

DE ALTO RENDIMENTO

“O desporto de alto rendimento movimenta um elevado número de atletas estrangeiros por ano”

Não é de hoje que sabemos que o turismo é uma das principais indústrias exportadoras do nosso país. Desde há muito que temos procurado explorar e potenciar esta fonte de riqueza nacional. Todos sabemos que temos das mais apelativas costas marítimas do mundo, que contamos com equipamentos hoteleiros de excelência, que gozamos de 300 dias de sol por ano, que a nossa cozinha é largamente apreciada e, como corolário de tudo isto, temos uma capacidade de acolhimento e envolvimento inigualáveis.

“Existem no mundo muitos centros de alto rendimento, alguns dos quais, de excelente qualidade, estão no nosso país.”

Contudo, há claramente uma área onde temos andado distraídos e onde há muito por fazer: a oferta nacional de infraestruturas para a prática desportiva de alto rendimento, como polo de atração de estrangeiros. Apesar do considerável esforço feito pelo Estado Português para a concretização de infraestruturas e equipamentos de elevado nível de qualidade, que permite que estes sejam hoje reconhecidos pelos atletas que nos visitam e respetivas equipas técnicas, como de alto nível mundial e ideal para o treino de diversas modalidades desportivas, pouco se tem feito para a promoção desta realidade enquanto parte integrante da estratégia de promoção turística do

nosso país.

Existem no mundo muitos centros de alto rendimento, alguns dos quais, de excelente qualidade, estão no nosso país. Alguns deles têm desenvolvido um trabalho individual e meritório de promoção dos seus produtos, mas sempre muito orientado numa visão de concretização de negócio no curto e médio prazo, e menos na construção de um posicionamento estratégico diferenciador que gere retorno sustentável a médio e longo prazo. Temos bons exemplos de como a prática desportiva assume uma importância muito relevante no panorama turístico em Portugal. O surf é um desses bons exemplos. Veja-se como toda a costa Oeste beneficiou da enorme projeção que foi dada à modalidade a nível internacional. Esta projeção impulsionou e alavancou grandemente as infraestruturas dedicadas ao suporte de surfistas de alto rendimento como é o caso do Centro de Alto Rendimento (CAR) de Peniche.

A criação de uma estratégia de promoção e divulgação do produto “Alto Rendimento” em Portugal tornou-se por isso um desígnio de interesse público para o País. Em particular numa conjuntura de crise como a que estamos a viver, uma das grandes valias dos CAR's é a possibilidade de, através do aumento das receitas vindas do exterior, diminuir a dependência dos dinheiros públicos para a sua manutenção e gestão, permitir a criação de preços diferenciados e mais atrativos para as nossas seleções e permitir o constante investimento na tecnologia de ponta que cada vez mais determina o sucesso na prática desportiva de alto rendimento.

Para conseguirmos esse almejado aumento de receita, precisamos de produtos de qualidade, cooperação estratégica entre os agentes e promoção adequada. O primeiro está assegurado. Precisamos ainda de trabalhar para melhorar os dois últimos e com isso conseguirmos cumprir com os três fatores que, na minha opinião, são críticos para o sucesso. Para isso é essencial um alinhamento estratégico nas ações de marketing dos vários CAR's e as entidades responsáveis pela promoção do turismo em Portugal. Se a saúde e bem-estar é um dos dez eixos estratégicos para o turismo no nosso país, porque não incluir o desporto de alto rendimento como ativo nesse mesmo eixo?

O desporto de alto rendimento movimenta um elevado número de atletas estrangeiros por ano, gera emprego direto e indireto, gera consumo realizado pelos atletas e equipas técnicas, promove o conhecimento e potenciação das atrações turísticas nacionais junto daqueles e suas famílias tornando-os em nossos embaixadores nos seus países, desejando aqui voltar, em lazer. Então de que estamos à espera?



Carlos Pinhão Coutinho
Administrador Desmora, EM, SA

A FESTA DO OLIMPISMO

104º Aniversário COP



A Fundação Champalimaud foi o palco de uma festa de aniversário diferente. Pela primeira vez a merecer honras de transmissão televisiva, o Comité Olímpico de Portugal celebrou o seu 104º aniversário com um evento que juntou o desporto ao mundo do espetáculo. Muitos heróis do olimpismo nacional fizeram questão de marcar presença, dos campeões olímpicos Rosa Mota e Carlos Lopes, aos atletas de Londres 2012, como Rui Costa, João Rodrigues, Telma Santos, Mariana Lobato, João Silva, entre outros. O ponto alto foram os Prémios atribuídos pelo COP às figuras maiores do desporto nacional, no ano de 2013.

Foi em ambiente de festa que o Comité Olímpico de Portugal comemorou mais um aniversário. O centésimo quarto da sua história. Uma celebração diferente de outros anos, com alguns momentos de entretenimento, para além da entrega dos prémios anuais e dos discursos. Uma viagem que levou os presentes, do mundo da música olímpica, na voz da cantora lírica Sara Laureano, que interpretou o Hino Olímpico e o tema dos Jogos de Barcelona 1992, “Amigos para Sempre”, até ao universo da magia, pelo conhecido ilusionista português Mário Daniel. Pelo meio, tempo ainda para a atuação da classe de Ananké do Ginásio Clube Português, que garantiram outro ritmo e cor ao evento.

Os prémios seriam, contudo, o momento mais alto da cerimónia, com os atletas a assumirem-se como os protagonistas no auditório da Fundação Champalimaud, num total de seis galardões atribuídos pelo COP.

Destaque para a atribuição da Ordem Olímpica ao campeão de Los Angeles 1984, Carlos Lopes, distinguindo o ex-maratonista pela sua carreira desportiva.

O campeão do mundo de ciclismo de estrada foi outro dos premiados, naquela que foi uma das maiores ovações da noite. Rui Costa recebeu a Medalha Olímpica, referente ao Atleta do Ano, sendo assim reconhecida a temporada extraordinária do ciclista da Póvoa do Varzim.

Outro dos momentos altos foi a atribuição da Medalha de Mérito ao atleta nacional com mais presenças em Jogos Olímpicos, o velejador João Rodrigues. O madeirense, seis vezes olímpico, e a caminho da sétima presença no Rio em 2016, recebeu o galardão que reconhece um atleta ou personalidade pelos serviços prestados ao Olimpismo. O vice-campeão do Mundo júnior e campeão da Europa júnior de canoagem (em K1 200m), Diogo Lopes, recebeu o prémio Juventude, que distingue o melhor atleta jovem do ano, enquanto o Troféu Olímpico, que premeia o desenvolvimento da prática desportiva, foi atribuído a duas Câmaras Municipais, de Anadia e

“Ainda sou muito jovem para receber esta medalha, mas é bem vinda (risos). São momentos únicos em que vemos o que demos ao país e temos consciência do que representa para o futuro de muitos jovens. Que venham mais galardões”

Carlos Lopes

“Vivemos tempos de dificuldade, mas é nestes momentos que mais precisamos de instituições capazes de defender e representar a dignidade e a verticalidade. O COP encerra em si a defesa daquilo que mais genuíno tem o desporto: os valores e o espírito que devem moldar e pautar as nossas vidas.”

Emídio Guerreiro



Montemor-o-Velho, que se fizeram representar pelos seus presidentes, Teresa Cardoso e Emílio Torrão, respetivamente, cujos centros de alto rendimento têm sido fundamentais para o sucesso de Portugal em diferentes modalidades. Por fim, o Comité Olímpico de Portugal atribuiu ao Presidente do Conselho de Administração da Delta-Cafés, Comendador Rui Nabeiro, o prémio Prestígio, pelos relevantes serviços prestados ao desporto nacional. Por estar ausente no estrangeiro, o comendador foi o único que não recebeu o prémio durante a cerimónia.

O Governo de Portugal, na pessoa do Secretário de Estado do Desporto e Juventude, Emídio Guerreiro, aproveitou a ocasião para também atribuir duas condecorações por serviços prestados ao desporto. A primeira, a título póstumo, a João Salgado (ex-presidente da Federação Portuguesa de Karaté membro da Comissão Executiva do COP, que faleceu em 2013), entregue à sua filha, Rita Salgado, que agradeceu de forma emocionada, e a segunda ao ex-secretário-geral do COP, José Geraldes de Oliveira.

A cerimónia de aniversário deste ano

teve um formato inovador face ao passado, num espetáculo com honras de transmissão televisiva na SPORT TV, tendo a apresentação estado a cargo de João Gonçalves. Para além dos momentos de entretenimento acima referidos, os presentes e telespectadores puderam ainda viajar através de vídeo ao passado do movimento olímpico, nacional e internacional, para além de ficarem a conhecer com mais pormenor o que poderá ser esperado em Sochi e no Rio, para as duas próximas edições do maior evento multidesportivo do mundo.

O aniversário encerraria com os discursos do Presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, e do Secretário de Estado do Desporto e Juventude, Emídio Guerreiro, aos quais se seguiu o jantar no Centro de Exposições da Fundação.

Foram várias as figuras do desporto e sociedade nacionais que fizeram questão de marcar presença: a campeã olímpica Rosa Mota, os atletas olímpicos João Neto (judo), Joaquim Videira (esgrima), Mariana Lobato (vela), Susana Feitor (atletismo), Inês Henriques (atletismo), João Vieira (atletismo), Vera Santos (atletismo),

“A coesão do sistema desportivo tem de se construir com todos numa lógica de gestão de recursos que obedeça a uma política de objetivos, que não pode deixar de ter em primeira linha a sustentabilidade das organizações desportivas. Porque sem sustentabilidade não há resultados desportivos.”

José Manuel Constantino



Telma Santos (badminton) e João Silva (triatlo), os presidentes de Câmara, Paulo Vistas (Oeiras), Isaura Morais (Rio Maior), Joaquim Santos (Seixal) e António José Correia (Peniche), para além de vários presidentes de federações olímpicas e não olímpicas, que praticamente lotaram o auditório da Fundação Champalimaud.

“A primeira vez que fui aos JO foi em 1992, em Barcelona, seguiram-se mais cinco. Todos mudaram a minha vida... Foi um privilégio. É uma honra estar aqui e espero continuar a representar Portugal em mais algumas competições olímpicas”

João Rodrigues

PRÉMIOS



Carlos Lopes

Ordem Olímpica
(Carreira Desportiva)



Rui Costa

Medalha Olímpica
(Atleta do Ano)



João Rodrigues

Medalha de Mérito (Desportista com relevantes serviços prestados ao olimpismo)



Diogo Lopes

Prémio Juventude
(Atleta jovem do ano)



Rui Nabeiro

Prémio Prestígio (Personalidade com relevantes serviços prestados ao desporto nacional)



Câmara Municipal de Anadia

Troféu Olímpico
(Desenvolvimento da Prática Desportiva)



C. M. de Montemor-o-Velho

Troféu Olímpico
(Desenvolvimento da Prática Desportiva)



“Estou a ficar mal habituado com tantos prémios, mas acho que são um incentivo para o que nos esforçamos ao longo de toda a temporada”

Rui Costa

SOCHI 2014



A primeira vez no inverno Russo

Que comecem os Jogos!! É esta frase que mais de 2500 atletas de 65 países de todo o mundo esperam ansiosamente ouvir e que será proferida pelo novo Presidente do Comité Olímpico Internacional, Thomas Bach, quando no dia 7 de fevereiro tiver lugar a cerimónia de abertura dos XXII Jogos Olímpicos de inverno – Sochi 2014.

Portugal voltará a estar representado, pela terceira edição consecutiva, e desta feita na prova rainha dos Jogos, o Slalom. Arthur Hanse e Camille Dias, ambos luso-descendentes, competirão nas provas de Slalom e Slalom Gigante. Tudo está a postos em Sochi. Para trás ficam algumas polémicas que chegaram a fazer alguns países ponderar o boicote à competição. Hot. Cool. Yours.

Este é o lema dos Jogos!

Por incrível que pareça, dado o seu clima rigoroso, a Rússia vai receber pela primeira vez uma edição de inverno dos Jogos Olímpicos, já que até hoje, apenas Moscovo havia sido palco do maior evento multidesportivo do mundo, mas na sua edição de verão, no já longínquo ano de 1980. E foi com alguma surpresa que se assistiu à atribuição da organização dos Jogos a Sochi, em julho de 2007, uma vez que a candidatura russa era a única que não tinha uma única infraestrutura construída para receber o evento. Levou a melhor à cidade coreana de Pyeongchang e à cidade austríaca de Salzburgo e hoje, mais de seis anos depois, está preparada para acolher a XXII edição dos Jogos Olímpicos de inverno. Sochi, cidade costeira, junto ao Mar Negro, com 400 mil habitantes, na terceira região mais populosa do país, Krasnodar, viu nascer dez infraestruturas que garantem condições de excelência para a grande festa olímpica. A cidade distingue-se por, ao contrário do que é habitual na Rússia, dispor de um clima ameno no inverno, mas com promessa de neve e frio nas montanhas de Krasnaya Polyana, onde muitas das provas decorrerão, entre elas, as competições de esqui. Para colocar de pé os Jogos Olímpicos de inverno, foi necessário um investimento de cerca de 10 mil milhões de dólares do Governo Russo, não só com o objetivo de construir as infraestruturas desportivas, mas também de garantir as restantes estruturas necessárias, quer no campo do turismo, com a construção de hotéis para acolher os milhares de turistas previstos, assim como em transportes e energia.

Os Jogos irão decorrer em dois centros: a área costeira, em Sochi, onde terão lugar as provas disputadas no gelo, e a área de montanha, onde está situada a estância de Krasnaya Polyana. Esta será uma das edições dos Jogos Olímpicos mais compacta, dado que a distância entre as duas zonas de competição é de apenas 30 minutos.

No total serão disputados 98 eventos, de quinze desportos distintos, onde estarão mais de 2500 atletas de cerca de 65 países, a competir sob o lema “Hot. Cool. Yours.”, o slogan de Sochi 2014.

Para trás ficaram as polémicas que marcaram os meses antes dos Jogos Olímpicos, devido a algumas leis discriminatórias da orientação sexual dos cidadãos russos, que levaram vários países a considerar boicotarem o evento. Depois do compromisso assumido pelo Presidente

Russo, Vladimir Putin, de que todos seriam recebidos de braços abertos e sem aplicações de quaisquer leis discriminatórias, a polémica foi sanada e foram garantidas as condições para que Sochi seja mais um enorme sucesso na história do Olimpismo.

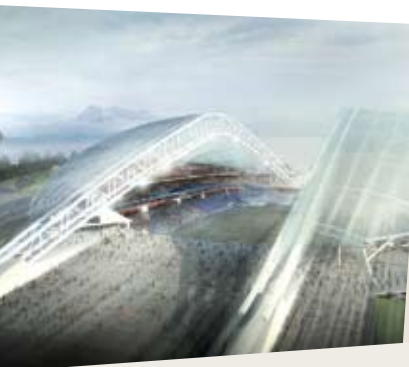
A festa está preparada e o percurso da chama olímpica até ao Estádio Fisht já começou no dia 29 de setembro, com a cerimónia onde foi acesa a Tocha, em Olímpia, na Grécia. Cerca de quatro meses e 65.000 quilómetros depois, naquele que é o mais longo percurso de sempre da tocha olímpica, esta será utilizada para acender a pira olímpica, no Estádio que será o palco da cerimónia de abertura. O percurso da tocha incluiu passagem em todas as regiões da Rússia, para além de ter viajado pela primeira vez ao espaço, bem como ao Pólo Norte, ou à montanha mais alta da Europa, o Monte Ebreu, e até aos confins da Sibéria, ao Lago Baikal.

Pela terceira vez consecutiva nos Jogos de inverno o Comité Olímpico de Portugal representará o país na edição de inverno dos Jogos Olímpicos, pela terceira vez consecutiva. Depois das participações de Danny Silva em Turim 2006 e Vancouver 2010, na prova de Esquí de fundo, será a vez de Arthur Hanse e Camille Dias, dois jovens luso-descendentes, que se irão estrear nos Jogos. Ambos irão participar na considerada por muitos, prova rainha dos Jogos de inverno, o Slalom. Por inerência à sua qualificação para esta prova, irão também competir em Slalom Gigante. Para Portugal, será a primeira vez que terá dois atletas, na prova masculina e feminina, de Slalom. Arthur Hanse é um luso-francês, de 20 anos, com raízes portuguesas, dado que uma das suas avós é de nacionalidade lusa. Competiu pela França ao longo da sua carreira jovem, mas optou agora por competir pelo nosso país, pelo qual se estreará na maior competição do mundo, como tanto ambicionava. Também Camille Dias nasceu fora de Portugal, mas neste caso, na Suíça. Filha de pai português, Camille, de 17 anos, juntar-se-à à elite dos desportos de inverno em Sochi, defendendo as cores nacionais.

À frente da comitiva portuguesa estará Pedro Farromba, Presidente da Federação de Desporto de Inverno – Portugal desde há cinco anos, nomeado agora pelo COP para o papel de Chefe de Missão. Uma curta comitiva, uma vez que Portugal tem pouca tradição nos Desportos de inverno, naquela que será a sétima participação do país nos Jogos Olímpicos de inverno. O melhor resultado de sempre foi alcançado em 1998, em Nagano, no Japão, por Mafalda Queiroz Pereira, que ficou em 21º lugar na prova de esqui acrobático.



Os principais palcos de **SOCHI 2014**



ESTÁDIO OLÍMPICO FISH

*Cerimónias de Abertura
e Encerramento*

40.000 pessoas

BOLSHOI ICE DOME

Provas de Hóquei no Gelo

12.000 pessoas



SHAYBA ARENA

Provas de Hóquei no Gelo

7.000 pessoas

ICEBERG SKATING PALACE

Patinagem (várias provas)

12.000 pessoas



ADLER ARENA

*Provas de
Patinagem Velocidade*

8.000 pessoas

ROSA KHUTOR ALPINE CENTER

Esquí (várias provas)

7.500 pessoas



Pedro Farromba, Chefe de Missão

1 - O que representa para si ser Chefe de Missão aos Jogos Olímpicos de Sochi 2014?

É uma honra e um enorme orgulho poder representar o nosso país nos Jogos Olímpicos de inverno. Sendo este o principal evento mundial dos desportos de neve constitui também uma grande responsabilidade poder ter atletas Portugueses a competir ao mais alto nível.

Para mim, pessoalmente, é o culminar de 5 anos de trabalho à frente da Federação de Desportos de Inverno (FDI) de Portugal e penso mesmo que será daqueles momentos únicos que vivemos nas nossas vidas. Mas esta Missão Olímpica só é possível porque, nos últimos 5 anos, a Federação foi gerida por uma equipa de pessoas capazes e competentes que tudo deram pelo desenvolvimento da prática dos desportos de Inverno em Portugal.

Considero ainda esta participação nos Jogos Olímpicos como uma excelente oportunidade de divulgar todo o trabalho que a FDI-Portugal tem feito no desenvolvimento dos desportos de inverno, desde a prática desportiva nas crianças, passando pela formação de treinadores e juizes até à procura de atletas portugueses residentes no estrangeiro a par com o incremento das competições nacionais e internacionais das selecções nacionais.

2 - Quais os objetivos da Missão Portuguesa para estes Jogos?

A participação em si é já uma vitória pois ter dois atletas em simultâneo na modalidade rainha dos Jogos Olímpicos constitui um feito nunca antes alcançado pelo nosso País. No entanto, vejo esta Missão como um enorme alento para o aumento da visibilidade dos Desportos de inverno em Portugal e para o incremento do seu desenvolvimento pelo que

devemos focar-nos na forma como podemos potenciar esta participação nos JOI.

Sendo as disciplinas onde os nossos atletas vão participar das mais competitivas a nível mundial, onde proliferam excelentes atletas oriundos de países com muita tradição nestas modalidades, a nossa participação deverá ser pautada pela excelência do nível competitivo e pelo ganho de experiência que pretendemos alcançar. Em termos de resultados mensuráveis, gostava muito que pudéssemos ficar no primeiro terço da tabela.

3 - Portugal terá dois atletas em Sochi. Nenhum deles vive ou cresceu no nosso país. Como se explica a dificuldade de Portugal nos Desportos de inverno?

Portugal não tem as condições naturais para a prática dos desportos de inverno como tem a Suíça ou a Áustria pelo que é natural que não tenhamos tantos atletas como nesses países.

No entanto desde sempre que, na Serra da Estrela, se foram praticando os desportos de inverno e, desde que a FDI-Portugal foi constituída, em 1992, se procurou dar uma maior formatação a essa actividade com a organização de campeonatos nacionais e com a participação em várias provas internacionais.

Desde 2009 temos procurado, a par com o desenvolvimento da atividade desportiva dentro de Portugal, encontrar também atletas Portugueses radicados noutros países de modo a complementarmos a prática desportiva e também a elevar o índice competitivo dos atletas residentes em Portugal. Assim, temos já vários atletas Portugueses que têm vindo a representar as selecções nacionais nos escalões mais jovens, que têm, hoje, uma formação e um índice competitivo muito semelhante ao dos atletas que vivem lá fora.

Este trabalho que fizemos junto das comunidades Portuguesas no estrangeiro têm-nos permitido identificar vários atletas com muito potencial bem como aproximar uma Federação desportiva Nacional destes Portugueses que tanto orgulho têm na nossa bandeira.

O que se passa nos desportos de inverno não é muito diferente do que se passa noutras modalidades como por exemplo o futebol. É hoje normal e plenamente aceite por todos, que a Selecção Nacional de Futebol seja composta na sua quase totalidade por

atletas residentes no estrangeiro e não é por isso que são menos Portugueses que os que aqui residem. Estou certo que, conjugando os atletas que residem em Portugal com os que residem fora, vamos conseguir elevar o nível competitivo do esqui e do snowboard em Portugal de modo a podermos aumentar o nosso estatuto competitivo internacional.



Camille Dias, atleta olímpica portuguesa

1 - Porque optou pela nacionalidade portuguesa em vez da suíça para competir nos Jogos?

Escolhi a nacionalidade portuguesa porque o meu pai é português, o que me fez sentir sempre perto da cultura do nosso país. Sem esconder, contudo, que também é benéfico para mim dado que me abre mais as portas do esqui internacional.

2 - Quais são as suas expectativas e metas para os Jogos?

O meu objetivo para os jogos é aproximar-me dos 30 primeiros classificados, seria uma vitória conseguir entrar nesse grupo dos melhores.

3 - Qual o momento que mais espera viver nos Jogos?

Sem dúvida, a cerimónia de abertura, que é em todos os Jogos um momento único que perdura na memória daqueles que nela participam ou assistem. Bem como, obviamente, a minha participação nos Jogos, nas provas em que vou participar.



Arthur Hanse, atleta olímpico português

1 - Porque optou pela nacionalidade portuguesa em vez da suíça para competir nos Jogos?

Escolher a nacionalidade pela qual vamos competir quando temos mais do que uma escolha é um momento difícil, até porque decidir mal poderá ter implicações desastrosas na carreira. Tenho nacionalidade portuguesa e francesa e tomei uma decisão que balançou o coração e a razão. A escolha de Portugal para competir vai permitir-me viver o momento que todos os atletas ambicionam, os Jogos Olímpicos. A minha família do lado de uma das minhas avós é portuguesa, pelo que sinto que estarei a representar as minhas raízes. Representar Portugal numa modalidade com pouca expressão é, para mim, também, um desafio.

2 - Quais são as suas expectativas e metas para os Jogos?

Nos Jogos o meu objetivo é simples: estar ao meu melhor nível e representar Portugal da melhor forma possível. Porém, tanto eu como o meu treinador acreditamos que é possível atingirmos os 40 primeiros, o que será um prémio para esta primeira participação nos Jogos, onde quero, acima de tudo, ganhar experiência para ter outras ambições nas próximas edições.

3 - Qual o momento que mais espera viver nos Jogos?

Obviamente que o momento que mais vontade tenho de experienciar é a cerimónia de abertura, onde a atmosfera deve ser inacreditável. Com os milhões de pessoas que irão assistir à cerimónia, seja ao vivo, seja na televisão, nós, os atletas, estaremos extremamente orgulhosos de representar os valores olímpicos, assim como a bandeira do nosso país.



ESPÍRITO *Olímpico*

Por Jenny Candeias

No esplendor ateniense, só cidadãos exemplares desportiva, cívica e culturalmente podiam participar nos Jogos Olímpicos. Longe vão esses tempos, perdidos pela própria Grécia quando os substituiu por profissionais em busca de vitórias e mais adulterados por Roma, quando se tornaram espetáculos para distrair o povo dos problemas do império. Assim, o Espírito Olímpico inicial, tal como Olímpia, ficaram esquecidos durante milénios. O aristocrático Coubertin, ao imaginar os Jogos da Era Moderna deu-lhe, em Paris/1900, o lema *Citius, Altius, Fortius*, usado por um seu amigo dominicano que, com ele, aconselhava os alunos a não desistirem de evoluir, testando sempre os seus limites e vencendo dificuldades. Espírito, (incorpóreo) e usado num desporto que se pretende Olímpico, ou seja, grandioso, é difícil de definir, e, mais ainda, de cumprir. Com ele espera-se também: *fair-play*, algo mais material e controlável, mas ainda não deixou de haver quem procure a vitória à custa de dopantes; deverá ser convivência entre povos, mas não evitou boicotes às competições; procura-se *Citius, Altius, Fortius* mesmo com prejuízo da saúde ou formando atletas de elite a partir de crianças duramente treinadas. A vitória tornou-se um fim. Sendo Espírito Olímpico um ideal, difícil mas não impossível, o COI definiu-o como: espírito de harmonia, convívio, cultura e paz entre os povos, através de um desporto de alto nível («olímpico») mas são. Limpo de

trapaças, com atletas que respeitam os adversários e a si mesmos. Nada que não esteja nas suas longínquas origens ou no espírito de Coubertin, mas difícil numa sociedade onde vencer é sinal de superioridade e as medalhas são contabilizadas por país. Todavia, ao perguntarmos a vários atletas o que, para eles significa, Espírito Olímpico, temos respostas que objetivam sentimentos com memórias: o ambiente na Aldeia Olímpica; a emoção de entrar no estádio; estar lado a lado com ídolos do desporto; ou o orgulho e comoção de ver a sua bandeira subir num mastro. Tudo o que, expresso de forma diferente, não foge aos princípios expressos pelo COI: procurar, pelo desporto, motivar os atletas a trabalharem sem desistirem de evoluir, de chegar mais alto, ou de se tornarem mais fortes física e psicologicamente mas respeitando os oponentes fazendo jogo-limpo. Ou seja, sendo um exemplo para cada geração. Assim, o espírito de um passado perdido encontrará, no presente, o modo como o desporto, quer dos vencedores quer dos vencidos, pode contribuir para um mundo melhor. Tive a feliz oportunidade de encontrar alguém com uma tão elevada e rara interpretação de Espírito Olímpico que nem o COI a pediu aos atletas. Na Hungria, durante um Europeu de artística, entre muitos jornalistas estava uma russa que dormia no mesmo hotel, estava próxima de mim na sala de imprensa e falava vários idiomas. Era uma mulher aí pelos 40 e picos, não muito alta, proporcionada, de andar ligeiro mas

firme. Pareceu-me ter sido desportista. Caí imediatamente na mania que tenho de descobrir se - como me parecia - teria feito desporto e qual. Talvez ginástica... No último dia, em momento oportuno, perguntei-lhe se praticara desporto? Respondeu que sim: «Diving». Sem mais explicações. Batia certo! As saltadoras não são demasiado altas, são proporcionadas, corajosas e fazem rotações típicas da ginástica. Dali, fomos para Moscovo e estávamos mais afastadas porque era editora de uma agência noticiosa. Veio cumprimentar-me e oferecer os seus préstimos, dando-me um cartão que guardei sem mais, porque estava muito interessada no decorrer do campeonato (era Rítmica !...). Pareceu-me que os seus compatriotas a tratavam com alguma deferência e perguntei-me: Teria sido olímpica? Não tive oportunidade de o indagar mas assim que cheguei a Portugal, folheei um livro de resultados olímpicos e calculando em quais Jogos poderia ter participado, se o meu palpite estivesse certo. E estava! Era Elena Waitschekowskaja, medalha de ouro na prancha de 10 metros, em Melbourne/72, com 406,59 pts, feito que nunca mencionou. Escrevi-lhe comovida, agradecendo e contando-lhe o que, e como, descobrira. Respondeu-me e, nesse texto, encontrei outra qualidade própria de um espírito verdadeiramente Olímpico, apanágio de poucos vencedores: a simplicidade com que encaram as suas vitórias. ○

Hóquei

Uma modalidade com rumo!

O Hóquei em Campo surge pela primeira vez no programa Olímpico em 1908, num certame que teve como palco a cidade de Londres. A Federação Portuguesa de Hóquei (FPH) é fundada em 1948, tendo como principal objetivo promover, em território nacional, a prática do Hóquei Olímpico.

Apesar dos constrangimentos de diversos quadrantes na divulgação e captação de agentes desportivos, nomeadamente a existência de apenas três pisos sintéticos destinados exclusivamente à prática da modalidade, situados em Lousada, Sta. Maria de Lamas e Jamor, e das fortes restrições financeiras, também elas transversais a outros desportos, o Hóquei tem sido capaz de afirmar-se no panorama desportivo nacional e internacional em virtude de uma estratégia integradora e unificadora que tem como principal denominador o envolvimento e a conjugação de esforços e vontades de quem vive, diariamente, esta paixão.

Apenas nos últimos dois anos Portugal foi palco de seis Campeonatos Europeus, quatro de seleções e dois de clubes, e ainda uma Liga Mundial de seleções. Em 2014, a EHF já atribuiu ao nosso país a organização dos Campeonatos da Europa de seleções sub-21 masculinos e femininos, bem como a organização do Europeu de clubes, no escalão sénior feminino. Ainda, a FIH voltou a dar o privilégio à FPH e à comunidade hoquista nacional de receber, novamente, a 1ª Ronda da Liga Mundial (competição realizada de dois em dois anos), onde, diga-se, Portugal foi distinguido como a melhor organização no ano 2012.

À organização de provas, Portugal tem conseguido juntar resultados desportivos de relevo, como a vitória nos Campeonatos Europeus sub-21 masculinos de 2012 e 2013, nas variantes Campo e Indoor, esta última praticada mundialmente durante os meses de Inverno, e ainda a qualificação para a 2ª Ronda da Liga Mundial.

A afirmação internacional da modalidade também se faz noutras áreas, como a arbitragem e o dirigismo, onde Portugal conta com vários oficiais internacionais e dirigentes integrados em Comités da EHF. Particular destaque para a árbitra Ana Faias, que em 2013 participou nas Universíadas e em 2014 estará presente nos Jogos Olímpicos da Juventude.

Atualmente o Hóquei está numa fase de transição para uma estrutura competitiva mais sólida e regular, por forma a permitir aos clubes a estabilidade necessária ao seu crescimento e desenvolvimento. Paralelamente, estão a ser desenvolvidos projetos que visem a criação de valor para a modalidade, como a integração do Hóquei no Desporto Escolar (no ano letivo 2012/2013 estiveram em atividade mais de 20 grupos-equipa) e a procura de novas variantes da modalidade, nomeadamente através do Hóquei de Praia, permitindo a extensão da prática do Hóquei ao longo de todo o ano. Por fim, a aposta em populações especiais constitui um objetivo fundamental para a afirmação da modalidade como um desporto para todos, através do Parahockey, que começa agora a dar os primeiros passos no seu desenvolvimento em Portugal.

Temos um rumo: tornar o Hóquei acessível a mais pessoas, conquistar novas audiências e manter os atuais fãs da modalidade. Conheça a nossa paixão em www.fphoquei.pt

PROVAS INTERNACIONAIS A REALIZAR EM PORTUGAL, EM 2014:

- Eurohockey Club Champions Challenge III B (Women), Porto, 6-9 Junho 2014
- Eurohockey Junior Championship II (Men) Lousada, 13-19 Julho 2014
- Eurohockey Junior Championship III (Women) Lousada, 13-19 Julho 2014
- Hockey World League Round 1 Lousada 9-14 Setembro 2014



Federação Portuguesa
de Hóquei

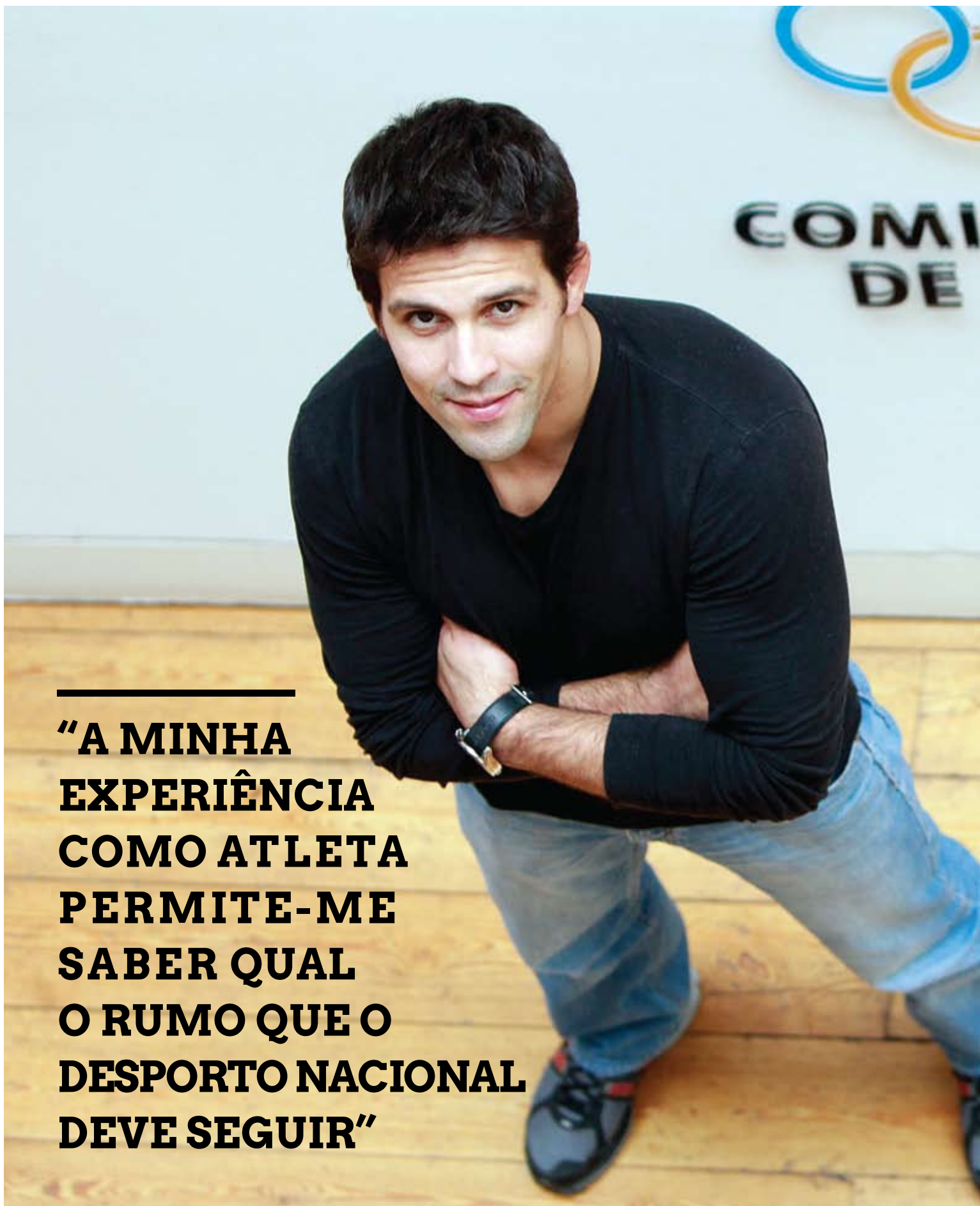
1500
PRATICANTES

61
TREINADORES

12
CLUBES

11 CAMPEONATOS
NACIONAIS





**“A MINHA
EXPERIÊNCIA
COMO ATLETA
PERMITE-ME
SABER QUAL
O RUMO QUE O
DESPORTO NACIONAL
DEVE SEGUIR”**



Eleito há pouco mais de dois meses como Presidente da Comissão de Atletas Olímpicos, João Neto mantém o espírito combativo que sempre o caracterizou como atleta.

Não muito longe vão os tempos de glória, como um dos melhores judocas da sua geração. Campeão Europeu em 2008, vive hoje uma experiência diferente como treinador na Federação Portuguesa de Judo e agora também como dirigente.

Em entrevista à Olimpo, João Neto revela as suas motivações e o trabalho que terá pela frente nestas suas novas funções fora dos tatamis.

Olimpo - O que o motivou a assumir a presidência da Comissão de Atletas Olímpicos?

João Neto - Inicialmente não previa ser Presidente, uma vez que este é cooptado junto dos atletas eleitos para a Comissão de Atletas Olímpicos (CAO). Mas a confiança demonstrada pelos meus colegas foi um ponto-chave para aceitar liderar, com grande motivação, esta excelente equipa. Mesmo após o término da minha carreira desportiva, considerei que a minha experiência podia ser útil para a continuidade do crescimento da CAO, uma entidade de extrema importância para o desenvolvimento desportivo nacional, representando a voz dos atletas juntos das entidades oficiais. Tem desenvolvido um excelente trabalho, com um notório crescimento e desenvolvimento ao longo dos anos.

A carreira como atleta é útil para este novo percurso como técnico e dirigente?

Ter sido atleta permite-me saber quais as dificuldades com que lidei, com as quais os atletas atuais continuam a debater-se, e ter ideias concretas sobre como ultrapassá-las, qual o rumo que o desporto nacional deve seguir.

Quais os principais objetivos desta nova direção?

Os principais objetivos desta nova direção são, sem dúvida, cimentar e enriquecer o excelente trabalho que as anteriores direções realizaram, pois elas foram as responsáveis por conseguir dar um lugar de relevo à CAO, junto das mais diversas e importantes entidades que regulam o desporto. Pretendemos continuar a ter uma colaboração bastante ativa e enriquecedora com o Comité Olímpico de Portugal, com a Secretaria de Estado do Desporto e Juventude e com o Instituto Português do Desporto e Juventude, bem como com as demais entidades oficiais, pois temos a convicção que esta relação é fundamental para o desenvolvimento de todo o movimento olímpico. Os nossos três eixos estratégicos são o acompanhamento e apoio aos atletas integrados no projeto Olímpicos, a carreira dual (compatibilização de carreira desportiva com as carreiras académicas/profissionais) e o pós-carreira dos atletas, para além da promoção e valorização do olimpismo e dos atletas olímpicos.

Quais as ações previstas em cada um dos três eixos estratégicos da CAO?

São várias. Pretendemos fomentar a criação de escolas de ensino articulado para jovens atletas que ambicionem a entrada na alta competição, trabalhar na otimização da carreira dual dos atletas, quer enquanto estudantes, quer numa fase mais tardia, como profissionais das mais diversas áreas, facilitar a integração no mercado de trabalho através do recurso a estágios profissionais remunerados, possibilidade de ingressar numa carreira militar no decurso da sua carreira desportiva, implementar o Athlete Career Programme, entre outros. Simultaneamente, queremos continuar a fazer crescer a nossa Semana Olímpica, tentando obter um compromisso mais efetivo das federações para este evento de forma a melhorar a qualidade da exposição e a diversidade de atividades de experimentação, bem como implementar o programa “Olímpicos na Escola”, um programa de envolvimento dos atletas com a comunidade escolar.



“Foi único ser campeão europeu em Lisboa”

Que papel deve exercer a CAO na relação entre o COP e os atletas?

A CAO deve ser a principal ponte de contato entre o COP e os atletas, sendo a principal entidade de apoio direto aos atletas e comunicando de forma direta todas as informações relativas ao Projeto Olímpico ou outras informações de interesse. Esse é sem dúvida um dos nossos maiores e mais importantes desafios, pois teremos que fazer um trabalho constante de sensibilização junto dos atletas e entidades.

Considera que o programa de preparação olímpica responde às necessidades dos atletas em termos de preparação e qualificação para os Jogos?

O atual Programa de Preparação Olímpica reflete um bom trabalho de desenvolvimento e melhoria relativamente ao registado no passado. Este possibilita um apoio justo e igual a todos os atletas, respondendo às necessidades específicas de cada modalidade através de programas como o apoio complementar. No entanto, existem questões que devem ser melhoradas. Este programa não é estanque e está sempre em evolução contínua. O mais importante é que este se vá adaptando às reais necessidades dos atletas e demais agentes desportivos.

O que falta ao olimpismo nacional para aumentar o seu nível competitivo nos Jogos Olímpicos?

Na minha opinião, falta sobretudo organização e planeamento. Mais do que carências ao nível financeiro, que existem cada vez mais, possuímos uma grande falta de estratégias para o desporto português.

Os atletas, para estarem no seu máximo, necessitam de estabilidade a todos os níveis (pessoal, profissional, académico, financeiro, etc.). Então, compete às demais entidades do movimento desportivo nacional montar um modelo centralizado nestes e que lhes garanta a necessária estabilidade para o presente e para o futuro. Efetuando um planeamento a longo prazo, com a implementação dos programas esperanças olímpicas e de

deteção de talentos, criando escolas com ensino articulado para atletas, apostando numa maior formação dos agentes (treinadores e dirigentes desportivos) e realizando controlos e avaliações de treino frequentes, adaptados a cada modalidade, entre outras iniciativas, será possível aumentar o nível competitivo nacional.

Quais as expectativas da CAO, em termos de resultados, para o Rio 2016?

A esta distância temporal dos Jogos Olímpicos é muito difícil ter expectativas concretas da participação portuguesa. Só poderemos pensar em medalhas se tivermos um grupo significativo de atletas (pelo menos 10) potencialmente medalháveis.

Hoje fora da competição, o que sente mais falta desses tempos?

O treinar todos os dias, os estágios e viagens da seleção, com enorme espírito de camaradagem. A parte competitiva também faz falta, pois há um sentimento único de realização quando alcançamos os nossos objetivos.

Qual foi o melhor momento da sua carreira?

Sem dúvida o título de campeão europeu que conquistei em Lisboa, em 2008. Poderia também referir o bronze no Mundial no Japão, em 2003, mas o facto de em Lisboa ter podido festejar com todos os meus familiares e amigos, foi uma sensação única.

O que diferencia os Jogos de qualquer outro grande evento desportivo em que participou?

Sem dúvida. É o único evento multidesportivo em que participei, onde não estão só os atletas do Judo mas sim os melhores de todas as modalidades. O grau de exigência é muito grande, pois todos os atletas tentam chegar no seu melhor aos Jogos. ○



David Sequerra traça o perfil do ex-Presidente do COP, Vasco Lynce, galardoado em Roma, na 42ª Assembleia Geral dos Comitês Olímpicos Europeus, no final de novembro, com um Prémio Laurel, naquela que foi a segunda vez em que um português foi reconhecido com tão prestigiado galardão. O Prémio Laurel destina-se a consagrar individualidades ou organizações que tenham prestado excepcionais serviços ou protagonizado relevantes feitos a favor da promoção do desporto nos seus países.

Vasco Lynce

UM SÍMBOLO DO OLIMPISMO NACIONAL

parceria com Fernando Machado, uma Comissão de Atletas no seio do COP, logo seleccionámos o nome de Vasco Lynce.

Foi em 1981, em jeito de rescaldo do que nos fora sugerido no então recente Congresso Olímpico de Baden-Baden (Alemanha) e permita-se-me o confessado orgulho na boa escolha que fizemos para a rápida constituição de uma Comissão de Atletas que incluiu nomes como os de Rosa Mota, Paulo Azevedo, António Roquete e Raul Diniz, além de Vasco Lynce que viria a ser eleito, sem quaisquer dúvidas, o presidente de tal Comissão.

E foi assim, há uns largos 32 anos, que o nome de Vasco Lynce de Faria, “Prémio Laurel” de 2012, entrou para os anais do Movimento Olímpico. Ao longo de todo o tempo já decorrido, em sucessivos momentos de êxito pessoal, tenho nutrido por Vasco Lynce uma estima, apreço e consideração de que muito me apraz dar conhecimento neste texto de convite aceite para enaltecer um Homem e um Desportista de justificadas maiúsculas.

Destacado aluno no Colégio Militar, oficial do Exército de heroica presença por terras de África, pai e educador

por excelência, Vasco Lynce depressa “saltou”, como se fosse em exigente “mêlée”, da Comissão de Atletas para o dirigismo do COP, chegando à sua presidência poucos anos depois. Chamado a tarefas de topo à escala nacional, Vasco Lynce nunca deixou esmorecer o seu sentimento olímpico, mantendo-se atento e ativo quer na Academia Olímpica, que ajudou a fundar, quer no Plenário do Comité, como membro de mérito, agora poderosamente reforçado com a distinção de além-fronteiras, mercê do Prémio Laurel de solene entrega, em Roma, há escassos dias.

Sob o signo da amizade, expresso o confessado júbilo de ver Vasco Lynce na ribalta, servindo de exemplo a milhares de jovens desportistas aos quais se juntam todos os “meninos da Luz” do bicentenário Colégio Militar onde foi aluno e devotado professor. É-nos grato saudar um Amigo que muito prezo e que envolvo num emotivo abraço. Zacratáz, salvé e muitas felicidades, caro Vasco, meu aliado de causas tão nobres como a do Olimpismo que nos liga e estimula para melhores dias. ○

Devo confessar, em jeito de introito, que não sou um “carola” do râguebi, a histórica modalidade em que tanto se evidenciou, na década de 70, o meu prezado amigo e companheiro de ideais, Dr. Vasco Lynce de Faria. Levado pelo meu tão saudoso comparsa Luís Vieira Caldas, vi atuar o “capitão” Vasco no “seu” CDUL de boa memória e fixei-lhe o nome e a compostura de um verdadeiro desportista.

E de tal modo o apreciei, enquanto notável praticante, que ao pôr de pé, de

David Sequerra

a AOP

deve assumir um claro papel de liderança na promoção do Olimpismo

1. Quais as expectativas e objetivos da AOP para o próximo ano de 2014?

No plano interno, a modernização administrativa e o reforço do quadro humano da Academia estarão em foco. Externamente, para além da busca incessante de uma “reaproximação” aos membros e do reforço da ligação ao meio académico (já em curso), destaque o projeto de criação de uma

biblioteca, com a devida catalogação de todo o seu património e espólio documental, e de uma aposta em áreas novas, como o colecionismo olímpico, entre outros novos projetos. Também as áreas de investigação, formação e documentação terão um novo olhar da parte do Conselho Diretivo. Este não ficará também indiferente às cada vez mais prementes necessidades de um bom nível de comunicação organizacional, pelo que a renovação da newsletter (já em curso) e a aposta no sentido da criação de um novo sítio de internet, apresentam-se como objetivos estratégicos para 2014. No âmbito da atividade internacional, para além da habitual participação nas sessões da Academia Olímpica Internacional (AOI), assume especial destaque a organização do congresso da Associação Panibérica de Academias Olímpicas (APAO), pela primeira vez em Portugal.

2. Que papel defende que a AOP deve ter na promoção do Olimpismo?

A AOP deve assumir um claro papel de liderança na promoção do Olimpismo, em todo o território nacional! Disso não me restam dúvidas... não que seja a única entidade, ou agente, a fazê-lo, mas em estreita colaboração e cooperação institucional com outras entidades que de algum modo também procurem, no âmbito da sua ação e atividade estatutária, a promoção e divulgação dos valores e ideais olímpicos... e são diversas, quer no contexto do COP, quer noutros. Contudo, para a assunção deste papel de liderança é objectivamente necessário alterar a atual realidade de trabalho e capacitação dos recursos humanos existentes e afetos à Academia.

3. Acha que os jovens portugueses têm conhecimento dos valores olímpicos e da história do movimento olímpico? Se não, o que poderá a Academia fazer para inverter esta realidade?

Infelizmente penso que não! Há um longo caminho a percorrer e esse passa

logo em primeira mão pela formação/ sensibilização de professores, enquanto agentes educativos. Depois é preciso que os jovens tenham acesso a mais horas de atividade física (formal ou não) diária e que quando em contexto educativo, mais do que compreender o gesto motor ou a tática, percebam o que fazem e porque fazem, e sobretudo e complementarmente que compreendam os benefícios da prática desportiva e o valor social da mesma. Ninguém explica e enquadra os jovens neste sentido e espera-se que eles o façam por si. Não é fácil, até para um adulto, explicar um conceito abstrato como é o Olimpismo e se os Professores, enquanto agentes educativos, não estiverem sensibilizados para estimular os seus alunos a compreender o “outro lado do desporto” será difícil estimular nos jovens a vontade de compreender e aprofundar conhecimentos nestes domínios. Dadas as limitações naturais de atuação da AOP, podemos e devemos reforçar a nossa influência junto de todas as entidades que na sua ação podem decisivamente ter uma palavra neste processo formativo e transformativo da realidade, refiro-me a clubes, câmaras municipais, Desporto Escolar, estrutura federada, treinadores, etc.

4. Porque assumiu este desafio de presidir à AOP?

(risos) Tão só porque entendi que reunia condições objetivas para desenvolver um projeto alternativo e de desenvolvimento da Academia e, sobretudo, porque um conjunto de pessoas membros da AOP me desafiou a tal. Acreditavam comigo que era possível fazer ainda mais e melhor, do que tinha sido feito até então! Dai resultou o projeto «Juntos pela mudança – Juntos pelo Olimpismo!». Estou certo que no dia em que terminar as minhas funções, com o espírito de missão que sempre coloco em tudo o que faço, a AOP estará seguramente melhor que no momento de início de funções! Quando em abril 1993 entrei para a Academia estaria longe de pensar que um dia viria a assumir a condição de Presidente. ○



Luís Gomes da Costa, Presidente da AOP



O Comitê Olímpico Internacional lançou uma plataforma que reúne os perfis das redes sociais de mais de 5.000 atletas de todo o mundo, entre eles estão vários atletas e o próprio Comitê Olímpico de Portugal

Hub de atletas OLÍMPICOS

“Esta nova aplicação é o exemplo de como o COI está empenhado em criar uma ligação próxima entre os atletas e os seus fãs”, referiu a medalhada olímpica em Esgrima e atual Presidente da Comissão de Atletas Olímpicos internacionais, Claudia Bokel. “O Hub é uma ótima ferramenta para manter os atletas em contacto e para promover a interação com o público e entre os próprios atletas.” Esta aplicação está disponível para download através das lojas do Google Play

e iTunes. Mais de 5.000 atletas olímpicos estão já inscritos na plataforma, um número que continuará a crescer com a inclusão de mais atletas olímpicos. A plataforma inclui ainda oportunidades para ficar a conhecer dicas de treino de alguns dos mais emblemáticos heróis olímpicos internacionais, como o nadador norte-americano Mark Spitz, entre muitos outros. Por fim, será ainda possível durante os Jogos Olímpicos de inverno Sochi 2014 assistir a chats com atletas. **o**

E se fosse possível acompanhar o dia a dia dos grandes heróis olímpicos? Saber o que estão a fazer ao minuto? Acompanhar

os seus treinos, as competições, os episódios das suas vidas pessoais? O que até há pouco tempo poderia ser uma miragem ou um exercício de enorme paciência e pesquisa para encontrar o perfil nas redes sociais de cada um dos atletas que admiramos, está hoje à distância de um só clique.

O Comitê Olímpico Internacional lançou uma aplicação denominada Olympic Athletes' Hub, que reúne a atividade nas redes sociais de milhares de atletas olímpicos de todo o mundo. Esta aplicação pode ser descarregada para qualquer equipamento móvel, ou acedida através da internet. O Comitê Olímpico de Portugal e quase duas dezenas de atletas nacionais estão já integrados nesta plataforma, mas por certo, outros se seguirão.

O Hub de Atletas permite acompanhar as atualizações dos atletas e comités olímpicos nacionais no Facebook, Twitter e Instagram, tudo através de uma só plataforma que agrega as várias redes. Os fãs do mundo olímpico podem assim acompanhar a vida dos seus ídolos em qualquer momento e em qualquer lugar, através da internet e das aplicações para smartphones e tablets. Também os atletas inscritos poderão comunicar entre eles diretamente pela plataforma.



VAGABUNDO *dos Mares*

É o atleta nacional com mais presenças em Jogos Olímpicos de sempre. Esteve no maior evento multidesportivo do mundo por seis vezes e tem ainda a ambição de chegar a, pelo menos, uma sétima presença. Lançou recentemente o livro "Vagabundo dos Mares - Em busca do Ideal Olímpico!", onde relata na primeira pessoa muitas das aventuras que viveu no último ciclo olímpico de Londres 2012. Histórias inesquecíveis, pautadas por momentos insólitos, de boa disposição e, acima de tudo, por muita emoção e adrenalina das grandes competições. Formado em Engenharia Mecânica, João Rodrigues nunca abdicou do seu percurso profissional, essencialmente em projetos na ilha que é a sua casa, a Madeira. Porém, a grande paixão foi e será sempre o mar e as aventuras que há várias décadas lhe tem proporcionado, como se de um irmão inseparável se tratasse.

Olimpo - É um exemplo de longevidade no desporto nacional. Quando começou a sua carreira, alguma vez sonhou somar seis presenças olímpicas?

Não. Tal nunca me passou pela cabeça na primeira vez que fui aos JO, em Barcelona, nem nos seguintes, nem nos seguintes e provavelmente nem nos seguintes. A partir daí, creio que deixei efetivamente de sequer pensar na edição seguinte dos JO. Limitei-me a fazer aquilo que mais gostava, velejar numa prancha à vela, se possível, na perfeição.

Será uma hipotética sétima presença olímpica a última? Ou ainda tem forças para ir mais além?

Como escreveu certa vez Goethe: "Tudo o que fazemos cansa. Feliz daquele que não perde as forças." Por ora, limita-te a trabalhar para ser feliz, o que já me parece tarefa suficiente. Tenho, no entanto, plena consciência de que nada dura para sempre e que, no meu caso particular, o "para sempre" pode ser ali mesmo ao virar da esquina. Um dia de cada vez parece-me uma receita apropriada para o meu caso. AOP, podemos e devemos reforçar a nossa influência junto de todas as entidades que na sua ação podem decisivamente ter uma palavra neste processo formativo e transformativo da realidade, refiro-me a clubes, câmaras municipais, Desporto Escolar, estrutura federada, treinadores, etc.

O que o continua a motivar? Ainda é o sonho de uma medalha olímpica?

Exatamente o mesmo que me fascinou no primeiro momento - que recorro como se tivesse acabado de fazê-lo - em que velejei numa prancha à vela: a descoberta de um maravilhoso instrumento, que me dava autonomia para ir mais longe, de preferência muito depressa e que, de certa forma, exigia alguma força. Fazê-lo na perfeição tornou-se quase uma obsessão. Pelo meio, surgiu o palco por excelência para demonstrar a mim mesmo, se o caminho que havia escolhido tinha significado: os Jogos Olímpicos.

Como surgiu a prancha à vela na sua vida?

A prancha à vela começou por entrar na minha vida através da caixa mágica, nos anos setenta. Uma certa telenovela brasileira, tinha como tema de abertura, imagens de velejadores em prancha à vela, na baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, precisamente onde se desenrolarão os JO do Rio 2016. Talvez movidos por essas imagens, os meus pais compraram uma primeira prancha já perto do final dessa década.

Quando vi pela primeira vez o meu pai e o meu irmão mais velho a deslizarem em cima da água, movidos apenas pelo vento, soube que estava ali o instrumento que me levaria a entrar mar adentro. Foi preciso alguma paciência, principalmente de quem tinha que ouvir as minhas súplicas e que lá me levava literalmente pendurado na retranca. Afinal, na altura, não havia equipamento para crianças. Mas lá chegou o dia em que, finalmente, podia ver a Madeira do mar e não o oceano de terra firme. E assim, o que era antes uma fronteira, foi a porta para o mundo, que me levou a conhecer tantos mares, gentes, culturas, outras ilhas e continentes.

Quais os Jogos que mais destaca pela positiva?

Todos! Todos eles foram extremamente relevantes para mim, marcaram ciclos da minha vida, todos diferentes, todos iguais no fundo. “Nuns descobri a improvável simbiose entre a vida académica e um percurso desportivo, noutros velejei pela sempre complexa relação entre o mundo da engenharia e campanhas Olímpicas e, noutros ainda, limitei-me a ser... um Vagabundo dos Mares!”

Qual o momento mais marcante na sua carreira?

Oh, teria que referir tantos, porque foram tantos. A primeira vez que consegui terminar uma regata, ou aquela competição onde tudo, como que magicamente, se encaixou para que um homem pudesse se sentir invencível, ou ainda os infinitos momentos que compuseram algumas das travessias que tive o privilégio de fazer, espelho da própria vida. Não poderia deixar de referir os outros tempos, os que puseram em cheque todas as minhas crenças e convicções, quando o sabor amargo da derrota libertou a mola que me impulsionaria para voos mais altos. Sim, foram tantos, bons e maus, simples e complexos, anónimos e explícitos, faces da mesma moeda...

Qual a vitória que lhe deu mais gozo?

Terminar a travessia Madeira - Selvagens. Foi, acima de tudo, uma vitória pessoal, para a qual, como se sofresse de alexitimia, não tenho a capacidade para juntar palavras que façam jus ao sentimento de lá ter chegado.



Qual o momento mais curioso/divertido da sua carreira?

Momentos antes de uma largada do mundial na África do Sul, em 1995, houve um súbito aumento da intensidade do vento e foi preciso efetuar uma alteração na afinação da retranca, ou seja, aumentá-la, por forma a poder “caçar” mais a vela. Dado o curto tempo que tinha disponível para fazê-lo, optei por me jogar para o mar e efetué-la mesmo dentro de água. Terminei a manobra dois minutos antes da largada, subi na prancha, olhei para o barco da Comissão de Regatas e, além das conhecidas bandeiras que assinalavam o tempo restante para a largada, reparei numa em particular, amarela, com um sugestivo desenho a meio: uma barbatana de tubarão. Olhei então para o mar, apenas para constatar que tinha estado rodeado desses sempre misteriosos seres marinhos. Na verdade, mal tive tempo para pensar no assunto, pois a largada para essa regata seria dada pouco tempo depois. Mas a descarga de adrenalina foi de tal forma, que essa foi a minha primeira vitória num mundial. E de facto, os efeitos desse particular encontro devem ter-se manifestado durante muito tempo, pois acabou por ser uma das minhas melhores prestações desportivas da minha carreira...

O título do livro que acaba de lançar é “Vagabundo dos Mares”. O mar é onde se sente em casa?

A minha casa é qualquer sítio onde sinta que aquilo que faço, seja o que for, tem significado. Dito isto, como se calcula, senti-me muitas vezes em casa no mar.

Questiona o seu livro se vale a pena todo o esforço e dedicação à preparação olímpica. Depois de seis ciclos, qual o balanço que faz a esse nível?

Sou forçado a recorrer-me de Fernando Pessoa.

“Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu.”

Claro que valeu a pena! ●



SEMANA OLÍMPICA 2013

Guimarães foi o palco de mais uma semana olímpica. O evento promovido pela Comissão de Atletas Olímpicos e que promove várias modalidades olímpicas junto dos mais jovens. Mais de mil crianças viveram de perto as emoções do desporto e conheceram alguns dos heróis do desporto nacional

Entre 7 e 9 de novembro, Guimarães foi a capital do olimpismo nacional. Mais de 1000 crianças de escolas da região, do primeiro, segundo e terceiro ciclos e ensino secundário, tiveram a oportunidade única de experimentar diversas modalidades olímpicas e de conhecer muitos dos atletas portugueses que estiveram a representar as cores nacionais no maior evento multidesportivo do mundo, os Jogos Olímpicos. Num ano em que a cidade berço foi uma das Cidades Europeias do Desporto, não haveria mais adequado palco para receber a edição anual da Semana Olímpica. Este evento, organizado pela Comissão de Atletas Olímpicos, vai já na sua 6ª edição e tem permitido levar o desporto olímpico a diferentes pontos do país, a vários milhares de crianças, que têm, muitas vezes, um primeiro contacto com várias modalidades olímpicas nesta ocasião, assim como com a experiência e vivências dos atletas olímpicos. No Pavilhão Multiusos de Guimarães, os jovens puderam experimentar quinze modalidades olímpicas: Andebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Boxe, Ginástica, Golfe, Hóquei, Judo, Remo, Rugby, Ténis, Ténis de Mesa, Triatlo



e Voleibol. Para além da vertente desportiva, tiveram ainda a oportunidade de visitar uma exposição com várias peças que marcaram o movimento olímpico e o desporto nacional, cedidos pelo Comité Olímpico de Portugal, pela Academia Olímpica de Portugal e pelo Museu do Desporto. A cerimónia de abertura contou com a presença de vários atletas olímpicos, entre eles o remador Nuno Fraga e a canoísta Beatriz Gomes, padrinhos do evento, bem como do Presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, que declarou aberta a Semana Olímpica. Ao longo dos três dias de atividades, passaram ainda pelo Multiusos de Guimarães atletas olímpicos como Pedro Fraga (remo), Emanuel Silva e Fernando Pimenta (canoagem), Simão Morgado (natação), Rosa Mota (atletismo), Nuno Barreto (vela), Marisa Barros (atletismo), Nuno Delgado (judo), Maria Lobato (vela) e João Neto (judo), este último, o presidente da Comissão de Atletas Olímpicos. ○



“PENSAR O OLIMPISMO UM TESTEMUNHO PARA O FUTURO”

COP organiza Congresso Nacional Olímpico na Maia, nos dias 3 e 4 de março de 2014, um evento alargado a toda a sociedade e destinado a debater os principais desafios do Movimento Olímpico no atual ciclo olímpico

O Comité Olímpico de Portugal vai organizar o Congresso Nacional Olímpico, na cidade da Maia, que será em 2014 uma das Cidades Europeias do Desporto. O evento decorrerá nos dias 3 e 4 de março e terá como tema “Pensar o olimpismo – Um testemunho para o futuro”. Com esta iniciativa o COP, seguindo as orientações estabelecidas no seu programa de ação, pretende criar um fórum aberto à participação de todos os interessados em contribuir para debater os aspetos mais relevantes para o futuro do desporto e do olimpismo em Portugal. Este espaço de reflexão irá realizar-se quadrienalmente, preferencialmente ajustado aos ciclos olímpicos.

Para este propósito o COP tem intenção de alargar a reflexão para além dos agentes e organizações que compõem o sistema desportivo, valorizando e enriquecendo assim a mensagem olímpica com diferentes contributos provenientes de um debate plural sobre os principais fatores críticos para a sustentabilidade e desenvolvimento do movimento olímpico nacional, estimulando um evento apelativo ao interesse da opinião pública.

Assim, o Congresso Nacional Olímpico destina-se não só a atletas, técnicos, dirigentes e gestores desportivos, envolvidos em projetos e programas olímpicos, mas também a empresas, instituições universitárias, associações, fundações, instituições de solidariedade social e entidades administrativas e políticas interessadas em aprofundar e debater a importância do desporto e do olimpismo no desenvolvimento social e cultural do país, bem como o seu potencial económico na projeção internacional de Portugal.

Durante dois dias, diversos especialistas irão apresentar, debater e aprofundar com os participantes alguns dos temas mais prementes da governação e da agenda estratégica do COP, como sejam a sustentabilidade do modelo de financiamento ao desporto em Portugal, a gestão dos programas olímpicos, a gestão das organizações desportivas ou a afirmação da língua portuguesa como instrumento de diplomacia desportiva.

O programa provisório do Congresso Nacional Olímpico prevê a realização de sete sessões em torno dos seguintes tópicos:

- Crise e inovação na gestão do desporto: Não há saídas sem mudança de paradigma
- Educação Desportiva, Educação Olímpica
- O desporto e o olimpismo na afirmação da língua portuguesa
- A gestão de carreiras desportivas na era da informação
- A gestão dos programas olímpicos
- Potenciar o desenvolvimento desportivo – Os fatores críticos
- A sustentabilidade financeira do alto rendimento e da preparação olímpica em Portugal

PARIS 1900



Deveriam ter sido chamados de Jogos do Insólito, ao invés de Olímpicos. A segunda edição da Era Moderna dos Jogos foi um rotundo fracasso, que felizmente, não impediu que o sonho de Coubertin continuasse vivo e perdurasse até hoje. Sem cerimónias de abertura ou encerramento, com quase tantos atletas como espectadores e com infraestruturas muito débeis, foram muitos os episódios anedóticos que marcaram estes Jogos para esquecer.



Se a vontade do Barão de Coubertin vingasse, Paris 1900 seria a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Apesar de se ter decidido antecipar para Atenas, quatro anos antes, o regresso dos Jogos, Paris viria mesmo a acolher o maior evento multidesportivo do mundo, no ano de 1900. E o fracasso foi de tal monta que Pierre de Coubertin esqueceu a frustração de não ter sido a capital francesa a

acolher a primeira edição, confidenciando no final que “foi um milagre o movimento olímpico ter sobrevivido”. Como Atenas, Paris teve sérios problemas económicos para organizar o evento. Coubertin enfrentou dificuldades financeiras, pois todas as doações recebidas pelo Comité Olímpico Internacional tinham-se esgotado. Não houve alternativa que não fosse associar os Jogos à Exposição Universal, um evento de grande dimensão

no início do século XX, o que se repetiria novamente. Como resultado, os Jogos estiveram sempre em segundo plano na atualidade mundial e francesa, tendo sido completamente engolidos pela Feira. Ao ponto de em vez de Jogos Olímpicos, terem sido denominados de Concurso Internacional de Exercícios Físicos e de Desportos e terem tido a duração, surreal, de cinco meses. De maio a outubro! Para tal contribuiu decisivamente o facto de a organização ter sido conduzida pelas mesmas pessoas que eram responsáveis pela Exposição Universal, quase sem intervenção do Comité Olímpico Internacional, e que consideravam o desporto uma atividade menor face às artes, o que levou a situações insólitas como classificar a ginástica na secção de “desporto escolar para crianças”, esgrima na secção de “cutelaria” e remo na secção de “socorrismo”.

Adicionalmente, Paris não reunia condições desportivas para acolher os Jogos. Não existiam infraestruturas à altura de uma grande competição e os episódios insólitos sucederam-se. O atletismo decorreu no Bosque de Bolonha, um autêntico pântano e com árvores pelo meio, enquanto a natação teve lugar em pleno Rio Sena, onde os atletas, para além da sua valia, tinham que nadar contra uma forte corrente do rio.

Como tal, não é difícil perceber o anedótico que algumas provas foram. O lançamento do martelo acabava invariavelmente preso numa árvore. O campeão do lançamento do disco atirou três fortes lançamentos para o meio do público. Enquanto no Rio Sena, os barcos continuavam a circular durante as provas de natação... O que permitiu até a criação da criativa prova de 200m obstáculos em Natação, que incluía saltar por cima de barcos e nadar por baixo de outros...

Alguns atletas nem sabiam que estavam a competir nos Jogos dado que nem sequer existiram medalhas, apenas pequeno troféus, ou até guarda-chuvas e carteiras, imagine-se!!

Devido à nula promoção do evento, não se conseguiu atrair a atenção dos próprios franceses. Atenas teve um público de 70 mil pessoas para presenciar os Jogos. Na capital francesa, não havia mais de três mil, tendo existido provas com apenas um espetador!

No contexto desportivo, a França, como era esperado, foi a grande campeã, uma vez que cerca de metade dos 997

competidores eram franceses. Os gauleses terminaram em primeiro lugar no quadro de medalhas, com mais do dobro de pódios dos Estados Unidos: 101 contra 48.

Apesar de tudo, houve alguns feitos que merecem destaque. Várias marcas foram batidas e, pela primeira vez, um atleta ganhou quatro provas: o norte-americano Alvin Kraenzlein venceu os 100m e 200m com obstáculos, os 60m rasos e a prova de salto à distância com um salto de 7,18m que representou um novo recorde olímpico. Nesta última competição, o também norte-americano Myer Prinstein era o líder até à final, mas devido a suas crenças religiosas, negou-se a disputar a prova decisiva, programada para um domingo. Após a conclusão da prova, em que Kraenzlein ganhou por um centímetro, a raiva de Prinstein foi tanta, que atacou o campeão ao soco. Também mereceu destaque Ray Ewry, um engenheiro-mecânico nascido em Indiana (EUA). Ewry teve poliomielite quando criança, doença que o manteve numa cadeira de rodas durante vários anos. Contudo, vencida a doença, conquistou oito medalhas de ouro em três Jogos consecutivos: 1900, 1904 e 1908. Em Paris, obteve os três títulos de saltos que se realizavam sem ganhar balanço (distância, altura e triplo).

Outro dos insólitos destes Jogos foi o episódio da equipa alemã de remo com timoneiro que teve que substituir um dos atletas. Foi escolhida para a tarefa uma criança francesa e o resultado surpreendeu: conseguiram a vitória, numa final muito disputada, perante o espanto de todos. Até hoje, ninguém sabe qual era o nome ou sua idade, mas alguns dos presentes calcularam entre sete e 12 anos. As grandes novidades destes Jogos foram a permissão de participação de mulheres nalgumas modalidades, bem como a estreia oficial dos desportos coletivos. O futebol, o polo aquático e o rugby entraram pela primeira vez no programa e permaneceram. Para além desses, foram acrescentadas as seguintes modalidades: Tiro com Arco, Remo, Vela e Boxe.

No pouco de positivo que esta edição dos Jogos teve, há que destacar, sem dúvida, a utilização pela primeira vez do lema do espírito olímpico, “Citius, Altius, Fortius”, (mais longe, mais alto, mais forte), aceite numa reunião do COI em 1897 na cidade de Le Havre. A frase foi encontrada por Coubertin numa visita a um colégio religioso. ○



Modalidades em competição

Atletismo	Golfe	Remo
Cabo de guerra	Hipismo	Rugby
Ciclismo	Natação	Ténis
Críquete	Pelota Basca	Tiro
Croquet	Pólo	Tiro com arco
Esgrima	Pólo Aquático	Vela
Futebol		
Ginástica		

Países Participantes

Alemanha	Dinamarca	Itália
Argentina	Espanha	México
Austrália	Estados Unidos	Noruega
Áustria	França	Países Baixos
Bélgica	Grã-Bretanha	Roménia
Boémia	Grécia	Rússia
Canadá	Hungria	Suécia
Cuba	Índia	Suíça





Pedro Mil Homens

O CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO *desportivo*

Integrado no Gabinete de Estudos e Projetos, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Desportivo (CPDD) visa desenvolver uma rede integrada de instituições universitárias e de ensino superior na área das Ciências do Desporto, nos domínios da investigação e da oferta formativa, que promova iniciativas que permitam transferir o seu conhecimento para o tecido desportivo, particularmente, no que ao apoio ao alto rendimento e à preparação olímpica diz respeito, numa lógica de complementaridade, interdependência e proximidade com os locais de treino e residência de atletas e técnicos. De uma forma mais concreta o CPDD irá desenvolver iniciativas em três sectores fundamentais.

Apoio ao Alto Rendimento - Avaliação, aconselhamento e controlo do treino

Sem se querer substituir à Administração Pública Desportiva, nomeadamente, no que diz respeito às suas competências neste domínio, nem à capacidade instalada nos diversos Centros de Alto Rendimento, o COP pretende rentabilizar e aproximar recursos públicos existentes nas Instituições de Ensino Superior e coloca-los, de forma mais eficaz, ao serviço dos atletas e das suas necessidades de preparação desportiva. Neste sentido, o CPDD está neste momento a fazer um levantamento em cada uma das federações desportivas, das suas maiores necessidades, carências de apoio neste domínio, localização da

distribuição geográficas dos atletas e identificação de prioridades de ação. Seguidamente, vai procurar protocolar com as Instituições de Ensino Superior um quadro de colaboração e apoio neste importante sector.

Apoio à Formação Contínua de Treinadores

Apesar dos enormes avanços que o país fez no domínio da formação dos seus recursos humanos, o sector do desporto é um dos que ainda denota fragilidades e uma inequívoca necessidade de atenção permanente. Assim, são objetivos do CPDD:

• Conceber, implementar e lançar o 'Centro de Pesquisa';

Trata-se de uma plataforma digital de repositório de vários documentos que possam ter impacto na formação contínua dos treinadores. Deverá cobrir um leque amplo de temas e áreas com impacto direto ou previsível no Treino Desportivo, sem esquecer outros sectores das Ciências do Desporto. Para além de documentos de autores portugueses a disponibilidade de trabalhos de autores estrangeiros também está equacionada.

• Conceber, implementar e lançar o Programa de Formação Avançada em Treino Desportivo e Medicina do Desporto;

Aqui trata-se de um programa anual de formação, o qual deverá ser articulado com as federações e a Comissão de Treinadores e Comissão Médica do COP, no sentido de ir ao encontro das

necessidades mais prementes. Este programa anual de formação deverá incluir, como preletores, uma mescla de académicos e profissionais, no sentido de contribuir para o "bridging the gap"!

Apoio à investigação científica em Ciências do Desporto

• Anuário COP de Ciências do Desporto

No sentido de estimular a produção e a divulgação de trabalhos académicos de autores portugueses, nomeadamente, na sua aplicabilidade prática a situações concretas do treino desportivo, da gestão do desporto, entre outras, o CPDD pretende editar anualmente um anuário. Será um anuário, num formato digital, com artigos científicos, teses de licenciatura, de mestrado e doutoramento, bem como outros projetos e trabalhos de investigação, que serão objeto de um tratamento pelos autores, no sentido de os transformar em algo parecido com um sumário executivo.

• Prémio COP Ciências do Desporto

Na linha do objectivo anterior, o COP pretende criar, anualmente, um prémio para as melhores teses de mestrado e doutoramento. Será, naturalmente, no âmbito das áreas das Ciências do Desporto que a Comissão Executiva do COP entenda mais relevantes e úteis para o sistema desportivo. ○

JOGOS DO HUMOR



É uma das caras conhecidas da televisão portuguesa, apresentando o programa das quinta-feiras de um dos talk-shows de maior sucesso em Portugal: o 5 para a Meia-Noite. Sempre com a sua veia humorística a vir ao de cima, Pedro Fernandes lança o desafio de serem introduzidas novas modalidades ao programa olímpico, onde Portugal dificilmente teria concorrência. Uma conversa sempre de sorriso nos lábios, onde revela uma paixão especial pelos Jogos Olímpicos, em particular, pelas competições femininas...

Olimpo - Qual a relação que tem com o desporto? Praticou algum desporto de competição?

Pedro Fernandes - A minha grande paixão é o futebol. Assinei o meu primeiro e último contrato aos 9 anos com os Salesianos de Lisboa. Joguei uma época ou duas. Infelizmente depois os meus pais decidiram mudar-nos de casa para a margem sul do Tejo e a minha carreira acabou ali. Lembro com saudade aqueles tempos. Corríamos que nem traças para a luz atrás da bola, todos ao molho. Não havia tática que resistisse. Ao intervalo davam-nos laranjas para comer e entrávamos para a segunda parte com as mãos todas peganhentas. Era da maneira que nos colávamos aos adversários. Fui o segundo melhor marcador da minha equipa com... 2 golos. Foi uma pena porque o meu avô dava-me dois contos e quinhentos por cada golo.

Qual a sua modalidade favorita nos Jogos Olímpicos?

Talvez a maratona. É sem dúvida a mais dura. Eu só consegui ainda correr a meia-maratona e sei bem o que me custou. Depois gosto de várias outras modalidades. O Vólei de praia feminino, o ténis feminino... qualquer desporto feminino que tenha como equipamento a mini-saia está nos meus preferidos.

Alguma vez assistiu ao vivo a uns Jogos Olímpicos? Está nos planos poder estar no Rio? A que prova gostaria mais de assist

Ainda não. Não se tem proporcionado. Isso é um convite? Contem comigo para a final dos 100 metros.

Quando se fala em Jogos Olímpicos, vem-lhe à memória algum momento marcante da história dos Jogos?

As vitórias do Carlos Lopes e da Rosa Mota na maratona. Não me lembro de ter estado muitas vezes colado ao ecrã de uma televisão durante duas horas sem mudar de canal.

Qual o atleta nacional que gostaria de entrevistar no 5 para a Meia-Noite? E internacional?

Felizmente que já tive a sorte de entrevistar alguns grandes atletas portugueses. Francis Obikwelu, Nélson Évora, Telma Monteiro... e outros que não competem em modalidades olímpicas. Faltam-me talvez as lendas vivas que referi há pouco: o Carlos Lopes e a Rosa Mota. Vou ligar-lhes. Em termos internacionais gostaria de falar com o meu ídolo no ténis, Boris Becker e o homem mais rápido do mundo, Usain Bolt. Seria com certeza um programa que ia passar a correr.

Qual a modalidade olímpica que poderia dar um excelente tema para um sketch de humor?

Por acaso já escrevi alguns sketches com essa temática. Dei até exemplos de modalidades Olímpicas em que os portugueses poderiam seguramente arrecadar medalhas de ouro, como o lançamento da beata pela janela do carro, os 10km marchas populares, o lançamento do saco do lixo, o levantamento do brinde, ente outros.

Há algum episódio de uns Jogos Olímpicos em alternativa momento de um qualquer desporto que não tenha sido nos Jogos de que se recorde que o tenha feito rir como se de um texto de humor se tratasse?

O episódio do Marco Fortes e a vontade de ficar na caminha está ao nível de qualquer bom programa de humor. Fora dos Jogos Olímpicos também gosto muito de me rir com as escutas do processo apito dourado. Mas há quem se tenha ficado a rir ainda mais do que nós todos juntos. ◦

RO TEI RO

Riviera Park

É o principal parque de Sochi. Local predileto da população local para passeios e piqueniques. Está localizado próximo da ponte Riviera, e dispõe de várias infraestruturas, como um parque de diversões, para além de galerias de arte. Um dos destaques do parque é a "Clareira da Amizade", onde cada convidado de honra da cidade, por tradição, tem direito a plantar uma magnólia. Também famoso é o "Beco dos Escritores", com estátuas dedicadas aos grandes escritores russos, como Pushkin, Nekrasov e Dostoiévski. Desde 2007, este parque acolhe o Oceanário, com peixes vivos importados de todo o mundo. Nas proximidades existe ainda o Dolphinarium, com vários mamíferos marinhos que fazem as delícias de quem o visita.



Krasnaya Polyana

É um dos principais resorts de ski da região e um dos mais famosos do país. Situado 600 metros acima do nível do mar, dispõe de vistas panorâmicas únicas sobre a região leste do Cáucaso. Fica a 40kms de Sochi e do Mar Negro e é denominada de Courchevel (conhecida estância de ski nos Alpes franceses) Russa devido às suas pistas bem definidas. É também famosa pela sua agitada vida noturna e preços muito elevados. Será um dos palcos dos Jogos Olímpicos de inverno Sochi 2014 e acolhe alguns centros de alto rendimento desportivo russos.



SOCHI

Cascatas Agura

Rodeada de várias cascatas, a cidade de Sochi tem como uma das principais atrações turísticas as cascatas Agura. Com mais de 30 metros de altura, este local é visitado por muitos turistas, ficando situadas nos limites da cidade. Dispõe de um miradouro para apreciar as vistas panorâmicas das cascatas de água cristalina, bem como da cidade de Sochi e do Mar Negro.



Catedral S.Miguel

É a mais antiga igreja ortodoxa de Sochi. A sua construção visou comemorar a vitória da prolongada guerra do Cáucaso em 1864. Foi desenhada por Alexander Kaminsky e construída em 1874 e 1890. Em 1993 foi alvo de obras de restauro. O seu nome é dedicado ao patrono da cidade, o arcanjo Miguel.



Restaurante Brigantina

O restaurante francês Brigantia, da dupla Martial e Bastien Simonneau, pai e filho, oferece umas das experiências gastronómicas mais inesquecíveis de Sochi. A sua variedade impressiona: caranguejo do Alaska, lagosta do Maine, ostras de França e salmão da Noruega são disso exemplo. Com uma das melhores localizações de Sochi, o restaurante dispõe de uma agradável esplanada com vista para o porto.



JANEIRO

.2 – Andebol - Estónia x Portugal - Qualificação Camp. do Mundo Masculino – 2015, Polva (Estónia)

.5 – Andebol - Portugal x Estónia - Qualificação Camp. do Mundo Masculino – 2015, São João da Madeira

.8 – Andebol - Letónia x Portugal - Qualificação Camp. do Mundo Masculino – 2015, Dobelet (Letónia)

.10 e 19 – Hóquei - Final Liga Mundial, Nova Deli (Índia)

.12 – Andebol - Portugal x - Bósnia Herzegovina - Qualificação Camp. do Mundo Masculino – 2015, Mafra

.12 a 27 – Andebol - Campeonato da Europa Masculino, Herning (Dinamarca)

.13 a 27 – Ténis – Open Austrália, Melbourne (Austrália)

.16 a 18 – Esgrima - Grand Prix Qatar - Espada Masculina, Doha (Qatar)

.17 a 20 – Ciclismo (Pista) - Taça do Mundo Guadalajara (México)

.18 a 29 – 3^{os} Jogos da Lusofonia, Goa (Índia)

.22 a 24 – Ténis de Mesa - 2014 Qualificação JO Juventude, Vila Nova de Gaia

.24 a 27 – IRB Sevens World Series 2013/14 - 4^a Etapa, Las Vegas (EUA)

.24 a 27 – Tiro com Arco - Indoor World Cup 2013-2014 3^a Etapa, Telford (Inglaterra)

.25 a 27 – Vela - ISAF Sailing World Cup Miami (EUA)

.27 – Atletismo - Maratona Feminina de Osaka (Japão)

FEVEREIRO

.1 – Águas Abertas - 10Km Marathon World Cup, Viedma (Argentina)

.2 – Atletismo - Meeting Pista Coberta – Moscovo (Rússia)

.2 a 3 – Reunião da Comissão Executiva do COI, Sochi (Rússia)

.5 – Futebol (Sub-21) - Qualificação para o Europeu - Portugal x Macedónia (local a definir)

.5 a 7 – 126^a Sessão do COI, Sochi (Rússia)

.6 – Atletismo - Meeting Pista Coberta – Estocolmo (Suécia)

.7 a 9 – Rugby - IRB Sevens World Series 2013/14 - 5^a Etapa, Wellington (Nova Zelândia)

.7 a 10 – Ténis de Mesa - Europe Cup - Qualificação ITTF World Cups, Lausanne (Suíça)

.7 a 10 – Tiro com Arco - Indoor World Cup 2013-14 Etapa 4 e Final, Las Vegas (EUA)

.7 a 23 – Jogos Olímpicos de inverno, Sochi (Rússia)

.8 a 10 – Judo - Grand Slam Paris (França)

.9 a 12 – Ténis de Mesa - 2014 Qualificação JO Juventude,

Hodonin (República Checa)

.11 a 17 – Badminton - Campeonato da Europa Equipas, Basileia (Suíça)

.15 – Atletismo - Meeting Pista Coberta - Birmingham (Inglaterra)

.21 a 24 – Judo - Grand Prix Düsseldorf (Alemanha)

.22 – Atletismo - Circuito Internacional de Marcha – Chihuahua (México)

.22 a 24 – Esgrima - Vancouver Grand Prix - Espada Masculina, Vancouver (Canadá)

.23 – Atletismo - Maratona de Tóquio (Japão)

.25 a 3 Mar – Tiro com Arco - World Indoor Championships, Nimes (França)

.26 a 3 Mar – Ciclismo - Campeonato do Mundo de Pista, Cali (Colômbia)

.26 a 4 Mar – Pentatlo Moderno - World Cup, Acapulco (México)

.26 a 7 Mar – Tiro - European Championship 10m, Qualificação JO Juventude, Moscovo (Rússia)

.27 a 3 Mar – Equestre (Ensino e Salto Obstáculos) - Western European League, Gotemburgo (Suécia)

MARÇO

.1 a 4 – Vela - Campeonato de Portugal - Classes Olímpicas (local a definir)

.3 a 4 – Congresso Nacional Olímpico, Maia

.3 a 8 – Ginástica Artística - Taça do Mundo, Ljubliana (Eslovénia)

.6 a 10 – Badminton - Internacionais de Portugal, Caldas da Rainha

.6 a 10 – Vela - XIX Troféu S.A.R. Rey Juan Carlos I, Cascais

.7 a 10 – Atletismo - Campeonato do Mundo de Pista Coberta, Sopot, Polónia

.7 a 16 – Jogos Paralímpicos de inverno, Sochi (Rússia)

.9 a 17 – Ciclismo (Estrada) - Paris – Nice (França)

.14 a 17 – Ginástica Rítmica - Taça do Mundo, Debrecen (Hungria)

.15 a 16 – Lutas - World Cup - Luta Livre Olímpica, Los Angeles (EUA)

.21 a 24 – Judo Grand Prix Tbilisi (Geórgia)

.22 – Atletismo - Marcha - Dudinska Paldesjatka, Dudince (Eslováquia)

.22 a 24 – Rugby - IRB Sevens World Series 2013/14 - 6^a Etapa, Tóquio (Japão)

.23 a 24 – Taekwondo Qualificação JO Juventude, New Taipei City (Chinese Taipei)

.25 a 26 – Simpósio Anti-Doping WADA, Lausanne (Suíça)

.26 – Andebol - Portugal x Polónia - Qualificação Camp. da Europa Feminino – 2014 (local a definir)

.26 a 28 – Seminário Chefes de Missão JO da Juventude, Nanjing (China)

.26 a 4 Abr – Tiro - ISSF World Cup Rifle / Pistol, Fort Benning (EUA)

.28 a 31 – Rugby - IRB Sevens World Series 2013/14 - 7^a Etapa, Hong Kong

.28 a 31 – Remo - Taça do Mundo, Sydney (Austrália)

.29 – Andebol - Polónia x Portugal - Qualificação Camp. da Europa Feminino – 2014, Polónia

.29 a 6 Abr – Vela - ISAF Sailing World Cup Mallorca (Espanha)

WITH YOU,
WE ARE HYDRATED.



Coca-Cola

WE ARE CONNECTED.



Atos

WE CREATE
AMAZING
CHEMISTRY.



Dow

OUR ATHLETES
ARE HEALTHIER.



GE

WE PLAY
TOGETHER.



McDonald's

MILLISECONDS
COUNT.



OMEGA

WE ARE ABLE
TO CAPTURE
EVERY MOMENT.



Panasonic

WE HELP MOMS
HELP FAMILIES.



P&G

WE CAN SHARE
GREAT MOMENTS
ANYWHERE, ANYTIME.



SAMSUNG

WE ACCEPT
THE WORLD.



VISA

WITH YOU, WE ARE THE
OLYMPIC WINTER GAMES.



©IOC 2013



THE WORLDWIDE OLYMPIC PARTNERS

olympic.org/sponsors

THANKS TO OUR OLYMPIC PARTNERS FOR
MAKING THE OLYMPIC WINTER GAMES POSSIBLE.